

EM GUARDA

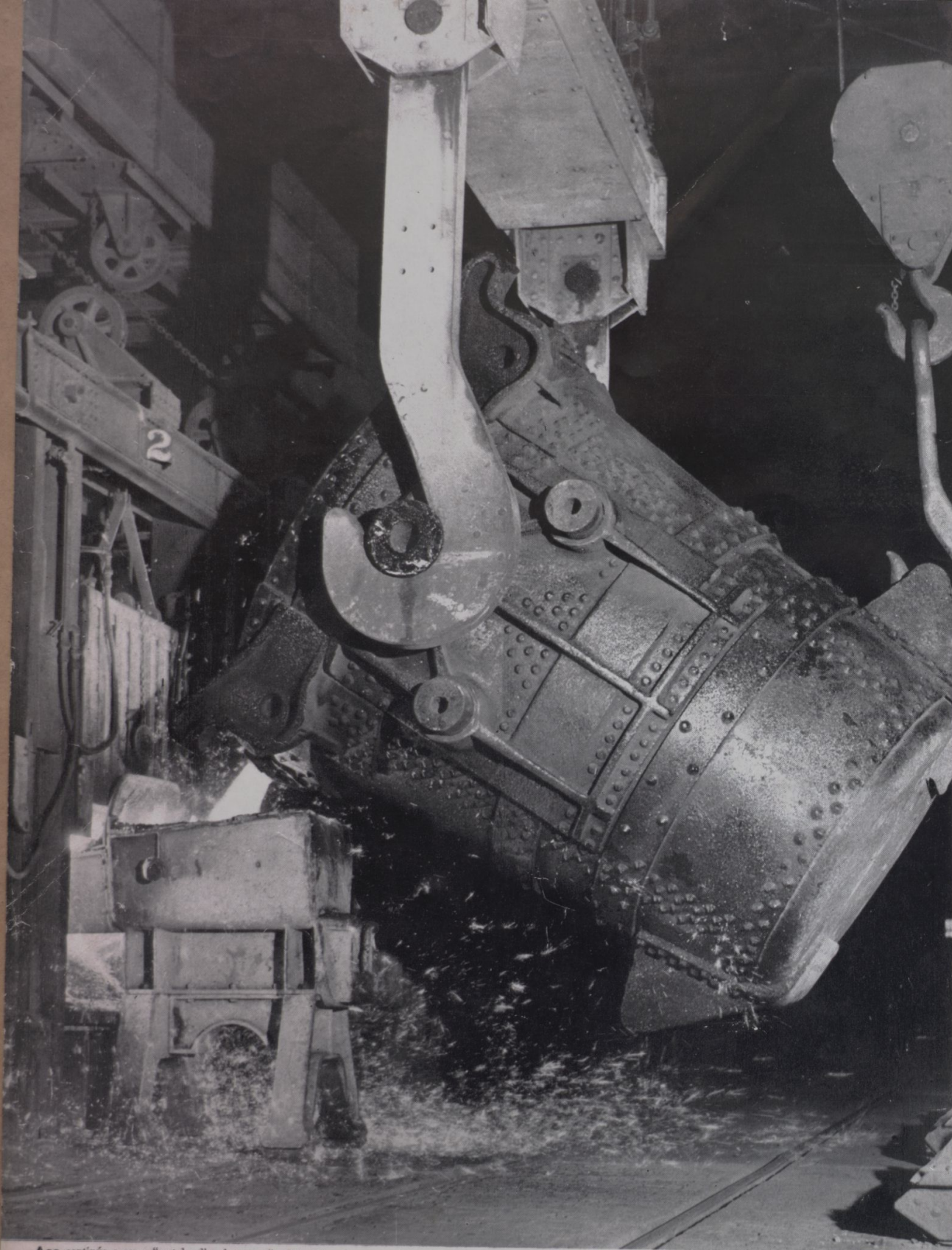
Para a defesa das Américas

Crescendo a passos gigantescos, a Força Aérea dos Estados Unidos já dispõe de 200.000 homens, e terá 400.000 em Junho próximo.



ANO 1
N. 4

DMC NO 614-101-5-12
SEP. 20 AC 40-2156
ARMED. 11 OCT 49
ARMED. 1 NOV 24



Aço continua a ser o "metal velho de guerra". Não há nada que o substitua na fabricação de canhões, projéteis, tanques e centenas de outras armas indispensáveis

ao arsenal das Américas. Os Estados Unidos, felizmente, são os maiores produtores de aço. Sua produção anual — 89 milhões de toneladas, supera a da Europa.

EM GUARDA é publicada mensalmente para o BUREAU DO COORDENADOR DE ASSUNTOS INTERAMERICANOS, Commerce Building, Washington, D. C., pela Business Publishers International Corporation. Redação: 330 W. 42nd Street, Nova York. Oficinas: 5601 Chestnut Street, Filadélfia. Classificada como impresso de segunda classe no Correio de Filadélfia, Pensilvânia, E.U.A., a 8 de Abril de 1941, de acordo com a lei de 3 de Março de 1879. Ano 1, N. 4.



A PRIMEIRA MENSAGEM DE GUERRA DO PRESIDENTE ROOSEVELT

AO CONGRESSO DOS ESTADOS UNIDOS:

ONTEM, 7 de Dezembro de 1941, dia de infâmia que será lembrado para sempre, os Estados Unidos foram súbita e deliberadamente atacados por forças aéreas e navais do Império Japonês.

Os Estados Unidos ainda mantinham relações pacíficas com aquela nação, e a pedido do mesmo Japão prosseguiram as conversações com o seu Governo e Imperador, procurando meios de manter a paz no Pacífico. Com efeito, uma hora depois das esquadras aéreas japonesas terem iniciado o bombardeio em Oahu, o Embaixador Japonês nos Estados Unidos e seu colega entregavam ao Secretário de Estado uma resposta oficial a uma recente mensagem dos Estados Unidos. Muito embora afirmasse esta mensagem parecer inútil continuar as negociações diplomáticas existentes, não continha, todavia, nem ameaça nem indicação de guerra ou de ataque armado.

Convém ter em mente o fato de que a distância do Japão a Hawaii prova à saciedade que esse ataque foi deliberadamente planejado muitos dias ou, mesmo, várias semanas atrás. Durante esse interim, estava o Japão deliberadamente procurando embair os Estados Unidos com falsas declarações e dolosas expressões de esperança pela continuação da paz.

O ataque, ontem perpetrado às Ilhas de Hawaii, causou sérios danos a forças navais e militares americanas. Perderam-se muitas vidas de cidadãos dos Estados Unidos. Foi, a-demais, noticiado o torpedeamento de navios americanos em alto mar, entre São Francisco e Honolulu.

Ontem iniciou também o Governo Japonês um ataque contra a Maláia.

Ontem à noite atacaram as forças japonesas a Hong Kong.

Ontem à noite atacaram as forças japonesas a Guam.

Ontem à noite atacaram as forças japonesas as Ilhas Filipinas.

Ontem à noite atacaram os japoneses a Ilha de Wake.

Hoje pela manhã atacaram os japoneses a Ilha Midway.

O Japão empreendeu, portanto, uma ofensiva de surpresa que se estende por toda a área do Pacífico.

São eloquentes os fatos de ontem. O povo dos Estados Unidos já formou sua opinião e compreende perfeitamente a ameaça constituída por esses ataques à própria existência e segurança da nação.

Na qualidade de Comandante-em-Chefe do Exército e da Marinha já dei ordens para que se tomem todas as medidas necessárias à nossa defesa.

Recordar-nos-emos sempre da natureza do assalto cometido contra nós.

Por mais tempo que tome triunfar dessa invasão premeditada, o povo americano, mercê do legítimo poderio dado pelo direito, prosseguirá infalivelmente a uma vitória absoluta.

Creio interpretar a vontade do Congresso e do povo quando afirmo que não somente nos defenderemos com toda a energia de que somos capazes, mas que também tomaremos medidas para que tal traição não se repita jamais.

Iniciaram-se hostilidades. Não há negar o fato de que o nosso povo, o nosso território, e os nossos interesses estão em sério perigo.

Confiando em nossas forças armadas, e mediante a determinação ilimitada do nosso povo, alcançaremos o inevitável triunfo—com a assistência de Deus.

Peço ao Congresso que declare que, a partir do ataque covarde e sem provocação feito pelo Japão no domingo, dia sete de dezembro, existe um estado de guerra entre os Estados Unidos e o Império Japonês.

FRANKLIN D. ROOSEVELT

A CASA BRANCA,
8 de Dezembro de 1941



Côncio da atitude assumida, o Presidente Roosevelt firma o documento que reconhece oficialmente o estado de guerra entre os Estados Unidos e o Japão.

A GUERRA CHEGA AO HEMISFÉRIO OCIDENTAL

A GUERRA acaba de ser imposta ao Hemisfério Ocidental.

O traiçoeiro ataque japonês no Pacífico, e as declarações de guerra de Hitler e Mussolini, põem em risco o solo dos Estados Unidos. Em verdade, põem em perigo tôdas as Americas, desde o estreito de Bering até o estreito de Magalhães.

Quanto a isso, não há a menor dúvida. Os bombardeiros que estrondosamente levantaram vôo da terra do Sol Nascente para projetarem-se ao romper do dia sobre o território americano de Hawai, lançavam um ataque sobre poderosa guarda avançada de nossas liberdades. No Pacífico, Hawai e suas fortificações estão "Em Guarda" para defender a liberdade e independência das Repúblicas Americanas. No Atlântico, há-de também ser o nosso poder que manterá afastadas das hordas Nazistas e Fascistas, as vias de acesso ao nosso continente.

Há também outro aspecto insofismável. Quer haja ou não acedido o Japão às exigências de seus comparsas do Eixo, a verdade é que tôdos êsses agressores internacionais estavam agindo de perfeito acôrdo.

Foi por isto que o Presidente Roosevelt afirmou: "Aquilo que há já tanto tempo se sabia e esperava, acaba de tornar-se realidade. As forças que se debatem para conquistar o mundo inteiro, preparam-se para êste Hemisfério."

De maneira a assegurar as conquistas da sua civilização, consagrada essencialmente aos princípios da Liberdade, o povo dos Estados Unidos aceitou imediatamente o repto—e aceitou-o numa expressão de solidariedade nacional que só numa Democracia se pode demonstrar.

Porque, no momento em que as forças armadas dos Estados Unidos, por toda parte, entraram em ação, todas as diferenças de opinião do povo norte-americano, diferenças legítimas que só existem entre um povo democrático, foram imediatamente postas à margem. Aqueles que estavam sendo chamados "isolacionistas" reuniram-se aos que eram classificados como "intervencionistas". Chefes trabalhistas, da Federação Americana do Trabalho e do Congresso de Organizações Industriais, declararam-se solidários com os representantes da Indústria, para garantirem ao Govêrno a mais completa colaboração. E dos próprios chefes trabalhistas manifestou-se a voluntária determinação de absterem-se de qualquer greve durante o período da guerra. E a unidade política da nação manifestou-se significativamente pela palavra do unico ex-presidente vivo, Herbert Hoover, um frequente crítico da política exterior do Governo Roosevelt:

"Território americano acaba de ser traiçoeiramente atacado pelo Japão," declarou o ex-presidente. "A nossa decisão é clara. Forçaram-nos a isso. Temos de lutar com todos os nossos recursos."

E o Coronel Charles A. Lindbergh, referindo-se a insólita agressão nipônica, assim se expressou: "Devemos enfrentá-la como americanos unidos."

E do momento que o desafio tornou-se insofismável, o pensamento unânime do povo dos Estados Unidos concentrou-se nas garantias de tudo quanto é valioso para a Liberdade.

Que fique bem viva a data do ataque japonês. Foi no Domingo, 7 de Dezembro de 1941.

Essa é uma data "que permanecerá infame"—porque, nesse dia, conforme consta dos fatos, os Estados Unidos ainda prosseguiram procurando uma solução pacífica com o Japão.

Nesse sentido, os fatos são simplesmente irrefutáveis.

Por várias semanas que Estados Unidos e Japão achavam-se empenhados em discussões diplomáticas com o propósito de manter a paz no Pacífico. O Presidente Roosevelt e o Secretário de Estado Hull haviam proporcionado ao Governo Nipônico tôdas as oportunidades para que demonstrasse a sua boa fé. E quando parecia que

tudo já havia falhado—quando parecia que a "clique" militarista que governa o Japão estava disposta ao suicídio afim de salvar as aparências—o Presidente Roosevelt dirigiu-se pessoalmente ao Imperador do Japão, na esperança de evitar a guerra no Pacífico. Raramente tem tido um Chefe de Estado oportunidade de consolidar-se em princípios tão básicos de boa razão. E raramente tem tido um Chefe de Estado o privilégio de arguir mais eloquentemente a bem da causa do Direito contra a Força. Em sua mensagem ao Imperador do Japão, o Presidente Roosevelt, no dia 6 de Dezembro, mencionava todos os esforços que haviam sido postos em prática pelo Governo dos Estados Unidos para a manutenção da paz no Pacífico. Mencionou os numerosos esforços feitos para conservar em harmonia Japão e Estados Unidos. O Presidente lembrou ao Soberano que o receio de milhões—milhões de seres humanos não somente das Américas, mas de tôdas as nações limítrofes do Pacífico—era um receio verdadeiro de que o manifesto intuito agressivo do Japão punha em risco a segurança e tranquilidade de tôdas as populações desta área.

O Presidente Roosevelt externou claramente as intenções do seu Govêrno a bem da paz; ofereceu mais uma vez a absoluta cooperação do seu Govêrno para as garantias da paz. E, ao dirigir-se diretamente ao Imperador do Japão, fez êste derradeiro apêlo:

"Dirijo-me pessoalmente a Vossa Majestade neste momento, na ardente esperança de que Vossa Majestade reflita, tal como estou refletindo nesta grave emergência, acerca dos meios de dispersar as nuvens negras. Estou certo de que, ambos, pelo amor a humanidade dos territórios vizinhos, temos a sagrado dever de restaurar uma tradicional amizade e evitar mais mortes a maior destruição no mundo".

E que resultou desse desusado apelo para paz?

Nada!

A data dêsse apêlo foi 6 de Dezembro de 1941. No dia seguinte, Domingo, 7 de Dezembro, os representantes do Governo Imperial Japonês aguardavam o Secretário de Estado Cordell Hull, afim de apresentar-lhe a resposta a certas perguntas do Governo dos Estados Unidos—indagações baseadas em contínuas agressões japonesas. Não há quem possa pôr em duvida a honestidade e sinceridade de propósito do Sr. Hull. A declaração final do Govêrno Japonês foi de tal carater, que o Secretário de Estado, com enérgica franqueza raramente observada na história diplomática, declarou aos enviados japoneses:

"Em todos os meus 50 anos de serviço público, nunca vi um documento que contivesse falsidades tão infames, numa escala tão vasta que nunca pude imaginar senão agora, fosse algum governo sobre a terra, capaz de emití-las."

A justificação da afirmativa do Secretário Hull encontra-se no fato de que, no exato momento em que os emissários japoneses da paz externavam santas expressões de honesto propósito, o ataque ao Hawai—melhor, o ataque a todo o Pacífico—já estava sendo levado a efeito.

E naquele dia, naquela noite, as forças do Japão—de um Japão que se achava a jurar pela paz enquanto desembainhava a espada—levaram a devastação numa vasta área do Pacífico. As vias malaias de comunicação com a grande base naval britânica de Singapura, as Filipinas e Hong Kong, e outros pontos onde vivem povos livres no Extrêmo Oriente—foram todos vítimas da traição japonesa.

Em face desse ataque premeditado, os Estados Unidos não tiveram outra solução senão a de reconhecer, honesta e legalmente, o estado de guerra que o Japão provocou.

E no dia seguinte, ao pedir a declaração de guerra, perante as câmaras reunidas de ambas as Casas do Congresso, o Presidente



A mensagem do Presidente Roosevelt ao Congresso foi breve. Delineou em poucas palavras a situação no Pacífico, e em seguida, o Senado e a Câmara dos

Roosevelt, ao apelar para todos os recursos morais e materiais do povo americano, afirmou:

“Não importa quanto tempo levaremos para vingar essa premeditada invasão; o povo americano, com a força do seu direito, irá até a vitória absoluta. Creio interpretar a opinião do Congresso e do povo quando afirmo que nós não apenas nos defenderemos a todo custo, mas também faremos com que essa forma de traição nunca mais nos porá em risco.”

Dentro de uma hora, o Senado e a Casa dos Representantes, com apenas um único voto contra, declaravam a existência do estado de guerra contra o Governo Japonês. E ao fazer isso, externavam a sua confiança, secundando a do Presidente Roosevelt — acerca da capacidade das forças armadas da nação para alcançar a vitória final, vitória garantida pela determinação do povo dos Estados Unidos.

Três dias depois, Alemanha e Itália desferiram o golpe que há anos vinham preparando. Solidários com o comparsa asiático, declararam guerra aos Estados Unidos. Antes mesmo que findasse esse dia infausto na história do mundo, o Presidente Roosevelt, dentro de poucas horas, solicitava ao Congresso respondesse ao desafio na altura de uma Democracia.

“Jamais na história — acentuou o Presidente em sua mensagem ao Congresso — foi lançado maior repto à vida, à liberdade e à civilização.”

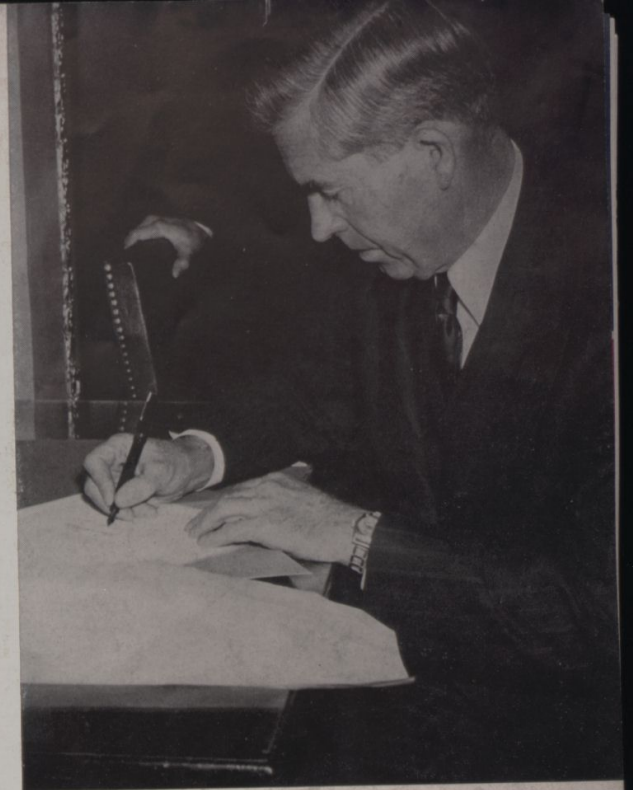
“Qualquer delonga acarretará graves perigos. A reação pronta e coordenada de todos os povos do mundo que resolverem permanecer livres, garantirá a vitória das forças da Justiça e do Direito sobre as forças do barbarismo e da selvageria.”

E uma vez mais, o Congresso aprovou as declarações de guerra; mas desta feita, sem que se registasse um único voto discordante.

Representantes aprovaram rapidamente a declaração de guerra contra o Império Japonês.

E assim, acham-se os Estados Unidos em guerra. E nessa guerra contra o Japão, o Governo dos Estados Unidos reconhece suas outras obrigações; reconhece que não pode esmorecer de maneira alguma em suas ligações econômicas com as nações que lutam contra os agressores do Eixo na Europa, na África e no Oriente Próximo. Isto quer dizer que, além dos novos esforços a serem feitos pela indústria dos Estados Unidos, o programa de Empréstimos e Arrendamentos não será interrompido. E o Governo dos Estados Unidos também reconhece que a sua guerra contra o Japão não interromperá a conservação da estabilidade econômica dentro do Hemisfério Ocidental.

Tudo isto é obra de enormes proporções. É fácil dizer-se que não se pode levar a efeito. Mas impõe-se a necessidade de dizer que a obra ha-de ser realizada. Conforme as nobres palavras do Presidente Roosevelt — “Faremos inevitável o triunfo, com a graça de Deus.”



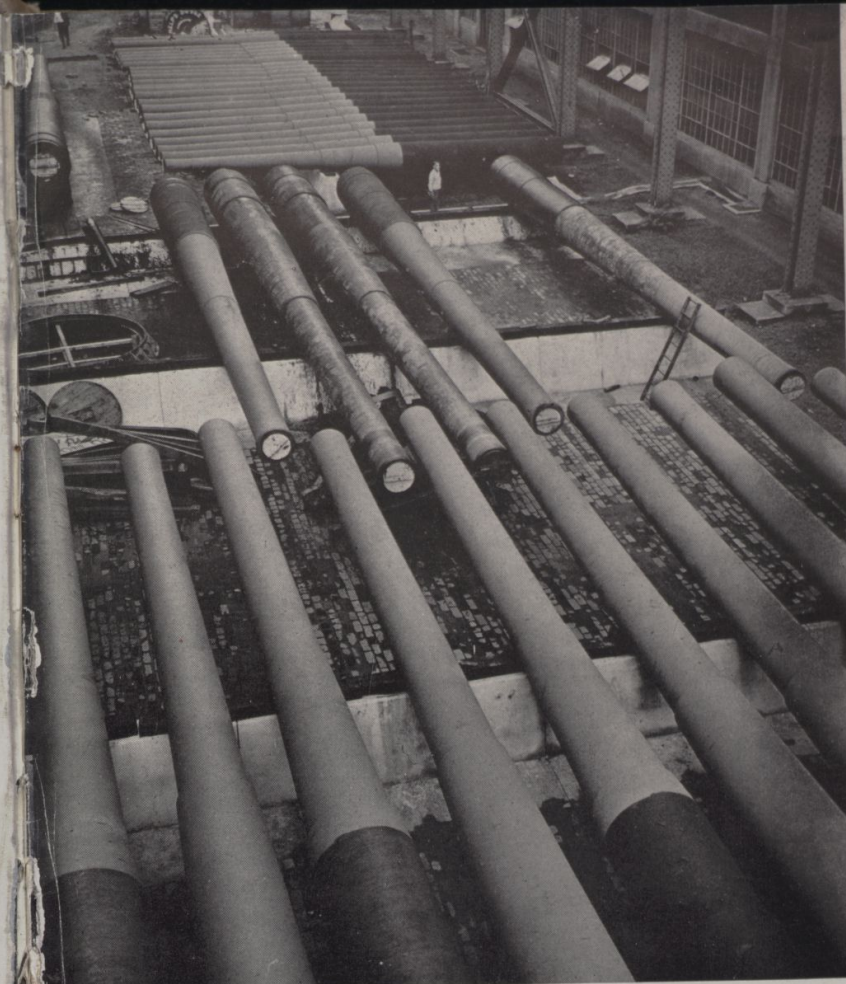
Em sua capacidade de Presidente do Senado, o Vice-Presidente Wallace firma a histórica declaração de guerra dos Estados Unidos contra o Japão.



O Secretário de Estado Hull, ao deixar o capitolio, em Washington, após a votação da declaração de guerra. Seus esforços de la paz foram inúteis.



Sentinela do Exército em volta do Capitólio em Washington são sinal de que a a nação acha-se agora em guerra.



Estes canhões de 406mm. (em cima) estão prontos para seguir para os arsenais de marinha, afim de serem instalados nos 15 supercruzadores restantes do programa de 17 a serem concluídos brevemente.

Canhões anti-aéreos como os que se vêem na foto em baixo, estão sendo construídos aos milhares para armar os navios mercantes e servir na defesa de cidades norte-americanas contra qualquer ataque.



O ARSENAL

QUE SALVAGUARDA O HEMISFÉRIO

PARA contrapor à audaciosa afirmativa — guerra total, expressa pelos poderes desabalados da agressão universal, o espírito de legítima defesa que anima a preparação militar dos Estados Unidos baseia-se também numa simples expressão — defesa total.

Não transcorre um só dia no gigantesco parque industrial da nação norte-americana — a nação mais industrializada do mundo, em que não se registre um largo passo a mais na formidável produção de armas e munições e todos os demais recursos de guerra, diretos ou indiretos.

O custo desse programa é impressionante. Mas por ser coisa imperativa e indeclinável — explica-se e justifica-se. Calculado em dólares americanos, o programa de defesa já atingiu às culminâncias de sessenta bilhões de dólares, o que representa uma média de 461 dólares para cada homem, mulher e criança do país. Contudo, as exigências continuam a aumentar consideravelmente.

Em conjunção com esse fantástico esforço de produção dos Estados Unidos, as vastas fontes de matérias primas das Américas estão sendo de inestimável valia para a constituição desse Arsenal da Liberdade, onde se acumulam os recursos bélicos para os milhões que ora mantêm em diabólico desespero os paroxismos da agressão. Desta forma conservam-se a respeitável distância intentos e realizações agressivas contra a segurança e liberdade das nações americanas.

Assim se manifestou o Presidente Roosevelt:

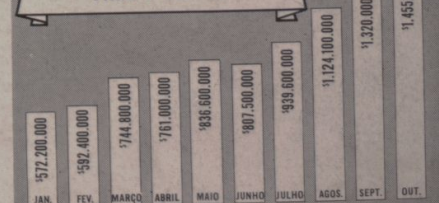
"Cada dia que passa produzimos e fornecemos mais e mais armamentos àqueles que estão a lutar nas frentes de batalha. Que essas armas indispensáveis e esses diversos fornecimentos não permaneçam estagnados em portos americanos nem sejam afundados em pleno mar, é a vontade da nação. É também a sua vontade, façam os Estados Unidos a entrega desses fornecimentos. Em franco desafio a essa vontade nacional, navios nossos tem sido postos a pique, e mortos nossos marinheiros.

"Eu declaro que não temos a intenção de tolerar semelhante situação. Essa vontade traduz-se na ordem de fazer fogo à vista, ordem que foi dada à Marinha Americana, e que não será revogada.

"Os navios mercantes americanos têm que estar armados para poderem defender-se contra os cascavéis do mar. Navios americanos serão livres no seu transporte de produtos americanos aos portos amigos. Navios americanos tem que ser protegidos pela Marinha Americana."

Em julho de 1940, fabricaram-se apenas 561 aviões militares. Em setembro deste ano, 1914. A Marinha incorporou à esquadra mais unidades durante o curto período da presente expansão, do que nos quatorze anos decorridos entre 1922 e 1937. Tanques de todos os tipos estão a sair aos milhares, mensalmente, das linhas de montagem. A produção de material bélico em geral, triplicou nos primeiros nove meses deste ano, e em matéria de munições o aumento foi de dez vezes mais. E a marinha mercante aproxima-se rapidamente da sua média estimada de um navio por dia.

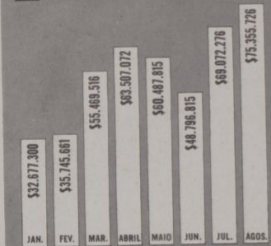
GASTOS DOS ESTADOS UNIDOS PARA A DEFESA



A produção para a defesa nacional aumenta rapidamente: de 572 milhões de dólares, no mês de Junho, passou a 1 bilhão e 455 milhões em Outubro, isto é quasi o triplo.

O ARSENAL DOS E.U.A. ARMA O MUNDO

EXPORTAÇÃO MENSAL DE ARMAMENTOS



Este gráfico representa o volume, que está a crescer constantemente, do material bélico embarcado no Arsenal do Hemisfério, para varias nações do mundo.

Armas e material bélico estão a seguir para os quatro cantos do mundo — para aqueles que se encontram em luta ativa, e para as forças que defendem o continente americano.

Para a execução desse propósito, considerações de ordem financeira são de importância secundária. Assim se tem demonstrado na fórmula referente aos empréstimos e arrendamentos.

A primeira apropriação desse gênero, em Março de 1941, foi de sete bilhões de dólares, já empregada talvez inteiramente para custear armas e fornecimentos destinados a vários países. Uma segunda apropriação de seis bilhões acaba de ser feita — 13 bilhões de dólares ao todo. As armas e demais artigos produzidos sob essa verba poderão ser enviados para a defesa de qualquer país que o Presidente Roosevelt julgar vital para a defesa dos Estados Unidos e do continente americano. As ordens para tais empréstimos e arrendamentos, conquanto baseadas nos requisitos de outro governo, são, na verdade, ordens do governo dos Estados Unidos, e podem ser transferidas a outro país somente com o consentimento expreso do Presidente.

A solicitação de outros governos é tomada em consideração por um departamento especial, que determina se o pedido deve ser satisfeito com o fornecimento de material já em "stock", ou de material em produção sob contrato, ou ainda, de produção adicional.

Tais fornecimentos já representam um tremendo fator decisivo contra os agressores. A sua crescente quantidade está a fortalecer a resistência em todas as frentes, firmando fatalmente a aproximação do dia da vitória final.

Em toda a estrutura bélica em que se apoia o programa de empréstimos e arrendamentos, a defesa da integridade do continente americano tem recebido consideração primária. E assim, ao mesmo tempo que armas, munições e fornecimentos de todo sorte são facilitados aos pontos mais distantes do planeta, as nações americanas vão dispondo de todos os recursos dentro de suas necessidades, para fortalecerem suas respectivas defesas contra qualquer possibilidade de ataque ou surpresa, por mais remota que possa parecer.

No firme propósito de prepararem-se para a sua legítima defesa, as nações livres do hemisfério ocidental não podem usar de meias medidas protectivas.

Navios mercantes aguardam no porto de Nova York o carregamento de material bélico e provisões de toda sorte destinadas às nações que em todas as partes do

mundo se empenham em renhida luta contra os abjetos agressores da tripla aliança.



Alinhados e prontos para serem entregues ao Canadá, estes aviões militares construídos nos Estados Unidos, em breve estarão fazendo parte da famosa R.A.F. britânica. A sua produção e entrega aumenta dia a dia.



Tanques de rígida construção americana travam conhecimento com os arcaicos da África, onde estão demonstrando o seu valor.



Apesar do seu tamanho, este avião de bombardeio de fabricação americana, é transportado e descarregado num porto britânico, quase completamente montado.



Um grupo dos temíveis aviões de caça Bell Airacobras, o tipo mais recente de origem americana, alinhado num campo da Inglaterra e prestes a ser incorporado à R.A.F.



Um detalhe do 501º Batalhão de Infantaria Aérea dos Estados Unidos embarca num transporte aéreo militar para participar de uma descida de conjunto, com várias forças.

PÁRA-QUEDISTAS—NOVIDADE BÉLICA

EM 1918 a novidade bélica foi o tanque. Em 1941, é a infantaria aérea — os pára-quedistas. A sua especialidade é a sabotagem. Quando pisam em terra firme, por trás das linhas, acham-se em posição de cortar as comunicações do inimigo, impedir o movimento das reservas e destruir os abastecimentos. São igualmente treinados para fazer explodir pontes e destruir abastecimentos de água e de energia elétrica.

Todos os grandes exércitos fizeram experiências com tropas pára-quedistas antes de rebentar a guerra. Mas quando ficou provada a sua vantagem, em 1940, o treinamento dessa especialidade tomou vastas proporções. O Exército dos Estados Unidos dispõe agora de três batalhões perfeitamente treinados, dessa nova arma, e no Estado de Georgia, o treinamento prossegue, numa média de um batalhão por mês. O objetivo é preparar 20.000 homens.

No Exército dos Estados Unidos, um soldado

aéreo é elemento rigorosamente selecionado. O caráter das provas à que tem de ser submetido, é simplesmente excepcional.

Só são aceitos voluntários. E quando um deles inicia o seu curso de treinamento, seis semanas são necessárias para enrijecê-lo. Tudo quanto é acrobacia é aplicada para acostumá-lo a aterrisar com um movimento deanteiro. Em seguida, vêm os exercícios de saltos, de torres dotadas com pára-quedas e, finalmente, saltos de aviões.

Os voluntários que aguentam tais provas — em cada seis, um não aguenta — tornam-se "graduados" da infantaria aérea, depois de alguns meses, e têm direito a um aumento de 50 dólares mensais.

Nos batalhões de infantaria aérea dos Estados Unidos, cada soldado projeta-se no ar, armado com duas granadas de mão e uma pistola automática. O comandante de esquadra leva uma sub-metralhadora. Outras armas, como morteiros e metralhadoras leves, são projetadas em pára-



Um soldado pára-quedista prepara-se para o pulo.

Tropas pára-quedistas norte-americanas aterrando, durante uma descida de conjunto, esvaziam o ar dos para-quedas. É manobra que sempre requer considerável destreza.





Durante várias semanas, os soldados sob as vistas do instrutor, familiarizam-se com a técnica do salto, feito de plataformas especiais, e contudo com o menor risco de sofrerem qualquer dano.



Um soldado atira-se num para-quedas cativo, a 8 metros de altura, para adaptar-se à sensação da descida, enquanto que, em escadas especiais, seus

companheiros observam cuidadosamente a verdadeira técnica do equilíbrio. É um exercício muito importante, e isso especialmente para os novatos.



O adestramento na queda ao solo é feito de maneira que o soldado se habitue a uma inclinação que

se assemelhe praticamente à realidade, quando estiver munido de um para-quedas. O contato com o solo

requer certo jogo de movimentos com o qual todo soldado para-quedista deve estar completamente familiarizado

TROPAS PARA-QUEDISTAS (Continuação)

quedas separados, depois de estarem os soldados em terra firme. Até mesmo canhões anti-tanques de 37mm. são lançados em pára-quedas para armar as tropas já em devida posição de combate. Todo espaço vago no avião-transporte é, geralmente, ocupado com munição de bôca. Cada soldado carrega uma ração; outras são atiradas do avião depois que o combatente pisa em terra.

Os pára-quedistas são treinados a controlar a sua descida de maneira a seguir as instruções do seu comandante, quanto ao ponto de aterragem. Desta forma é possível assegurar um conjunto de perfeita coesão pelas tropas descendentes. Cada grupo de soldados transportados pelo avião encontra-se pronto para entrar imediatamente em ação, como unidade de combate, logo que chega ao solo.

As forças são equipadas com carros de reconhecimento, de um quarto de tonelada, motocicletas, bicicletas e fuzis. Conquanto as tropas pára-quedistas requeiram adestramento especial, a infantaria de linha e outras unidades de apoio, podem ser treinadas facilmente para embarcar e desembarcar de aviões. Todas as tropas para-quedistas, e as tropas que se transportam por via aérea, levam seus próprios meios de comunicação, que consistem de radios portáteis, painéis de sinais aéreos e sinais pirotécnicos.

Na vida civil, as autoridades aeronáuticas não permitiriam que um para-quedista profissional, numa exibição pública, se lançasse de seu avião a uma altura de menos de 600 metros. Mas seria fácil para um atirador com fuzil dar caça a um para-quedista militar que estivesse a flutuar em pleno espaço na mesma altura.

Por isso, o soldado de infantaria aérea lança-se a uns 250 metros de altura. Desta maneira garante êle uma queda livre até o solo, dentro de oito segundos e meio. O soldado salta munido de dois para-quedas. Um dispositivo especial secreto faz com que o para-queda se abra automaticamente um segundo e meio depois do lançamento. Mas, si ocorrer algum imprevisto, o soldado dispõe de apenas 4 segundos para verificar isso, e valer-se da corda para abrir o outro para-queda. Mais meio segundo transcorre até que este último para-quedas se ancha de ar, restando, pois, apenas dois segundos e meio, ou sejam uns 60 metros de margem segura entre o para-quedista e a morte. Eis a razão porque o Exército faz questão de homens a toda prova para essa importantíssima nova arma de guerra.

Resistência física é condição essencial mas, presença de espírito, precisão de movimentos e espírito de iniciativa, em face de imprevistos de toda sorte, são também qualidades preponderantes.



Um para-quedista aprende a sentir-se confortavelmente em todas as posições possíveis.



Munidos de bicicletas, soldados da infantaria aérea embarcam num avião transporte, a-fim de participarem de saltos de conjunto, com tropas ofensivas e defensivas.

Em baixo: Acomodados no transporte, completamente equipados, não perdem a sua jovialidade nem a satisfação de uma "tragada" antes de lançarem-se no espaço.





Joan Holland abandonou a sua posição de destaque na alta sociedade norteamericana para participar dos trabalhos de defesa, submetendo-se à rigorosa disciplina numa

enorme fábrica de munições. Acaba de ser promovida a "chefe de banca", a cargo de doze colegas operárias. Aqui está ela inspecionando a sua "safra" de cascos de granada.



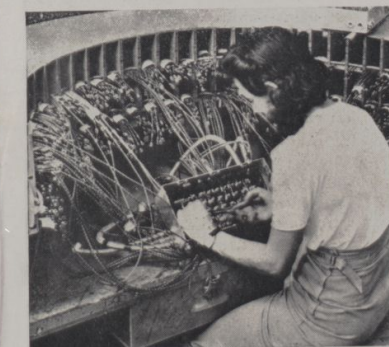
Uma operária faz a montagem duma válvula de escapamento em máscara contra gases, em Edgewood, Md.



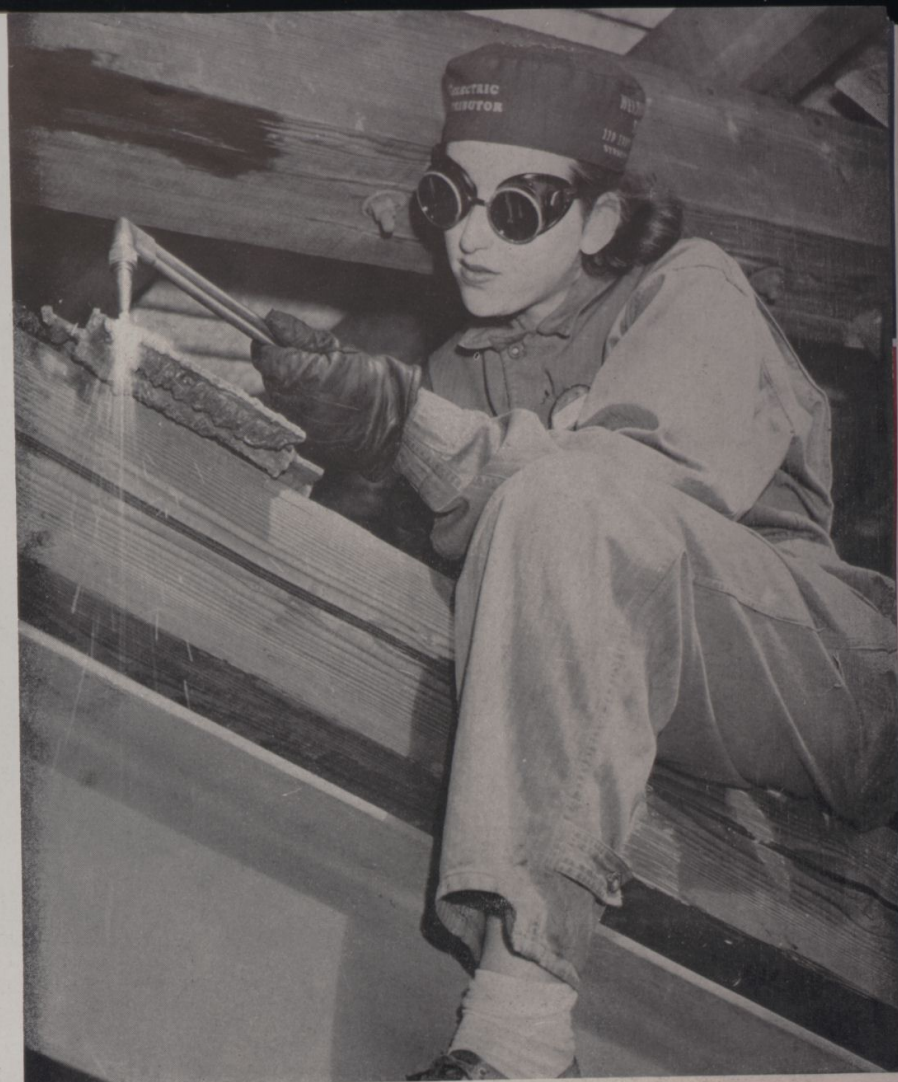
Outra operária inspeciona esferas de bielas de motores de aviões. Muito depende da sensibilidade de seus dedos.



Uma aprendiz trava conhecimento com um motor de avião. Em pouco tempo será capaz de praticar reparos.



Ethel Watt solda peças elétricas e monta as cavilhas numa importante fábrica de aviões na Califórnia.



Martha Gallanter em cima de uma trave, faz um trabalho de soldagem. Os óculos e outros petrechos de pro-

teção não lhe escondem completamente os encantos pessoais enquanto ela aplica o macarico às peças de metal.

A MULHER NA DEFESA

SUBMETIDAS à cuidadosa vigilância, mais de meio milhão de mulheres americanas todas as manhãs transpõem os portões de mil arsenais rigorosamente guardados. Cada operária apresenta-se com um distintivo, no qual se vê o seu retrato, atestando ser a portadora pessoa de confiança.

Não é esta a primeira vez que a indústria americana apela para o trabalho feminino. A conscrição militar chamou ao exército milhares de sorteados que trabalhavam em fábricas. A mulher teve então de substituí-los, e desta vez em número realmente extraordinário. E assim, mais de meio milhão de mulheres já se encontram em atividade nos arsenais de guerra; e em meados do próximo ano é possível que um milhão, ou talvez mais, estejam a trabalhar.

Em maio deste ano, as estatísticas oficiais classificavam como infinitésimo o número de mulheres que trabalhavam na indústria de aeroplanos. Hoje, nas dezenove fábricas principais, operárias, aos milhares, entregam-se a trabalhos de fabricação de aviões e, em muitos casos, a misteres que exigem extraordinária habilidade. A mulher, de fato, tem demonstrado que, em vários encargos, é capaz de produzir melhor trabalho do que o homem que ela substitue. Em trabalhos que não requerem varie-

dade, mas nos quais a paciência e precisão são indispensáveis, a mulher adapta-se melhor.

Em seus confortáveis "macacões" azues, na fábrica Vought Sikorsky, em Bridgeport, Connecticut, estão operárias a trabalhar 24 horas diárias, em três turnos, em aviões de bombardeio em mergulho, aviões de caça e de exploração.

No arsenal de Frankford, em Filadélfia, centenas de operários especialistas eram antes empregados para dar contorno às espoletas de precisão para projéteis de alta explosão. Quando a produção aumentou, mais operários foram necessários. Mas tornou-se impossível encontrá-los. Apeliou-se então para mulheres bordadeiras. E através de um sistema mais simplificado, verificou-se que as mulheres poderiam ser treinadas em trinta dias para executar o trabalho com perfeição.

E assim, mil operárias acham-se atualmente nessa tarefa, só no arsenal de Frankford; duzentas encontram-se a fazer o curso de aprendizagem para servirem de instrutoras e inspetoras em fábricas particulares da mesma especialidade. Outras mil e quinhentas trabalham no mesmo arsenal, entregues a outros encargos, trajando "macacões" de cores diferentes, para designar suas respectivas atividades.



Cadetes de aviação da Escola do Campo Randolph, no Texas, marcham para seus aviões, em missões diárias de intenso treinamento. Mais de 350 desses aviões são

empregados diariamente na famosa escola de aviação militar que, pela sua perfeita organização é considerada pelo público norteamericano como a "West Point" do ar.



Sobre uma "costa" imaginária, pequenos modelos de aviões, ligados com barbante a pontos determinados, ilustram muito convenientemente uma aula

UMA FORÇA AÉREA DE 400.000

A aviação Militar dos Estados Unidos, que já conta atualmente com 200 mil homens, terá até junho próximo um efetivo de 400 mil, prosseguindo em sua expansão até meio milhão. Incluem-se nesse total, pilotos, engenheiros aeronáuticos, rádio-telegrafistas, mecânicos e demais auxiliares.

Ao tornar público esse formidável programa, o Secretário da Guerra Henry L. Stimson acentuou que o objetivo é atender a crescentes, necessidades para uma defesa adequada dos Estados Unidos e das outras importantes áreas americanas dentro do Hemisfério Ocidental.

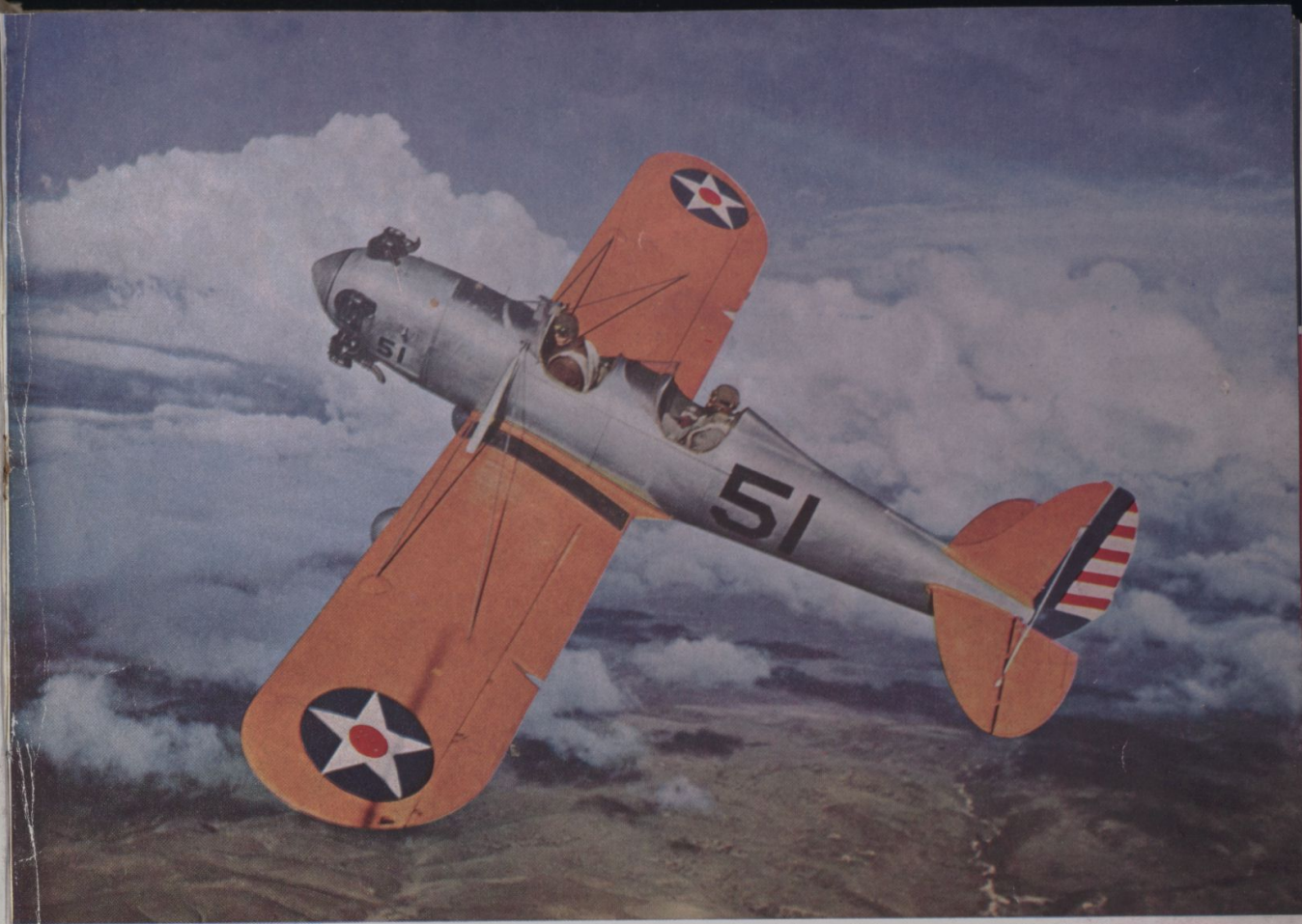
Parte dos elementos dessa poderosa força será enviada para guarnecer postos dentro das Américas; a maior parte, entretanto ficará constituindo a força aérea combatente dos Estados Unidos. Para atender as exigências dessa expansão, a Secretaria de Guerra já tem requisitados 46.000 aviões primários, muitos do tipo ilustrado na página seguinte, para treinamento.

Quando estiver completa essa organização, as forças aéreas dos Estados Unidos constituirão o maior e mais modelar conjunto de ciências aeronáuticas aplicadas, dispondo de mais de cem escolas técnicas especializadas.

O ensino será facultado em 41 escolas civis, em cursos de 10 semanas; em 15 escolas militares e mais 3 civis abrangendo o adestramento básico, 3 cursos militares especializados de artilharia, 1 de navegação aérea civil, 3 centros de renovação de quadros de pilotos, bombardeiros e navegadores. Além destas, outras escolas serão estabelecidas para completar o adestramento técnico.

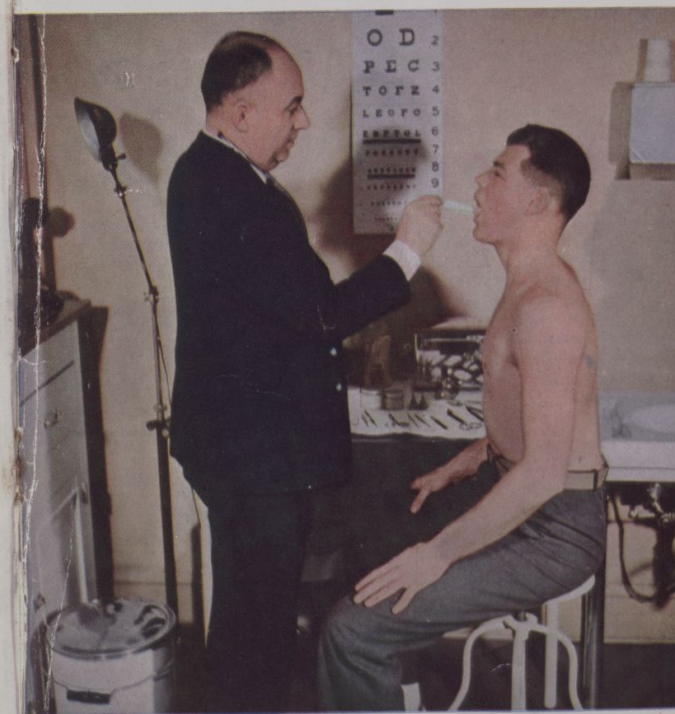
Na opinião das altas autoridades militares, a completa execução desse vasto e incomparável programa, que envolve centenas de milhares de aviões, material bélico, pessoal, bases e variadíssimo equipamento, "representa um problema digno dos maiores esforços por parte do Exército, da Marinha, da indústria de aviação civil e do público estadunidense em geral, a-fim-de obter-se a sua desejada eficiência."

Em Junho de 1940, a Aviação Militar dos Estados Unidos contava apenas com um efetivo de 51.130 homens. No transcurso de ano e meio, esse efetivo já quadruplicou, devendo atingir a 400.000 homens, até meados de 1942. O aperfeiçoamento do treinamento está facilitando enormemente essa extraordinária expansão, que prosseguirá em proporções ainda maiores, conforme se apresentarem as necessidades militares da defesa total do Hemisfério.

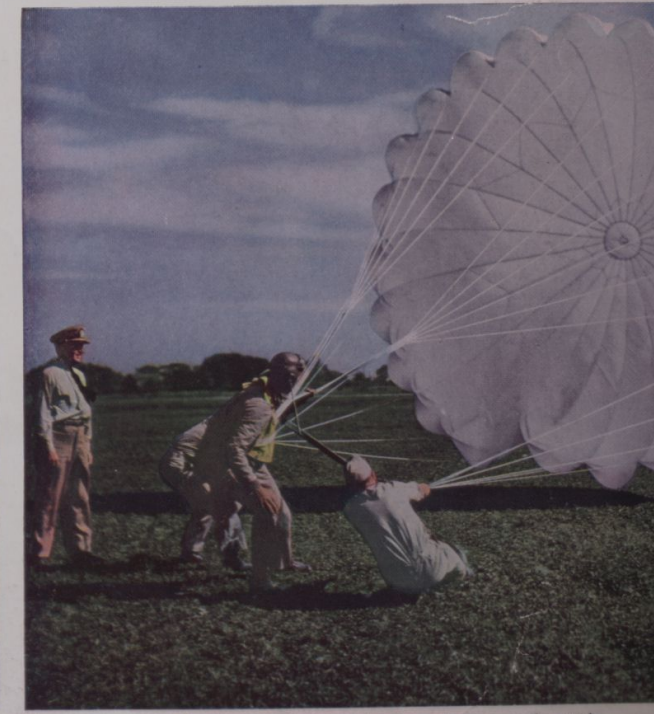


Esguios e possantes são os modernos aviões usados pela Aviação Militar dos Estados Unidos, ora usados para treinamento. Vê-se aqui um monoplano de asa baixa,

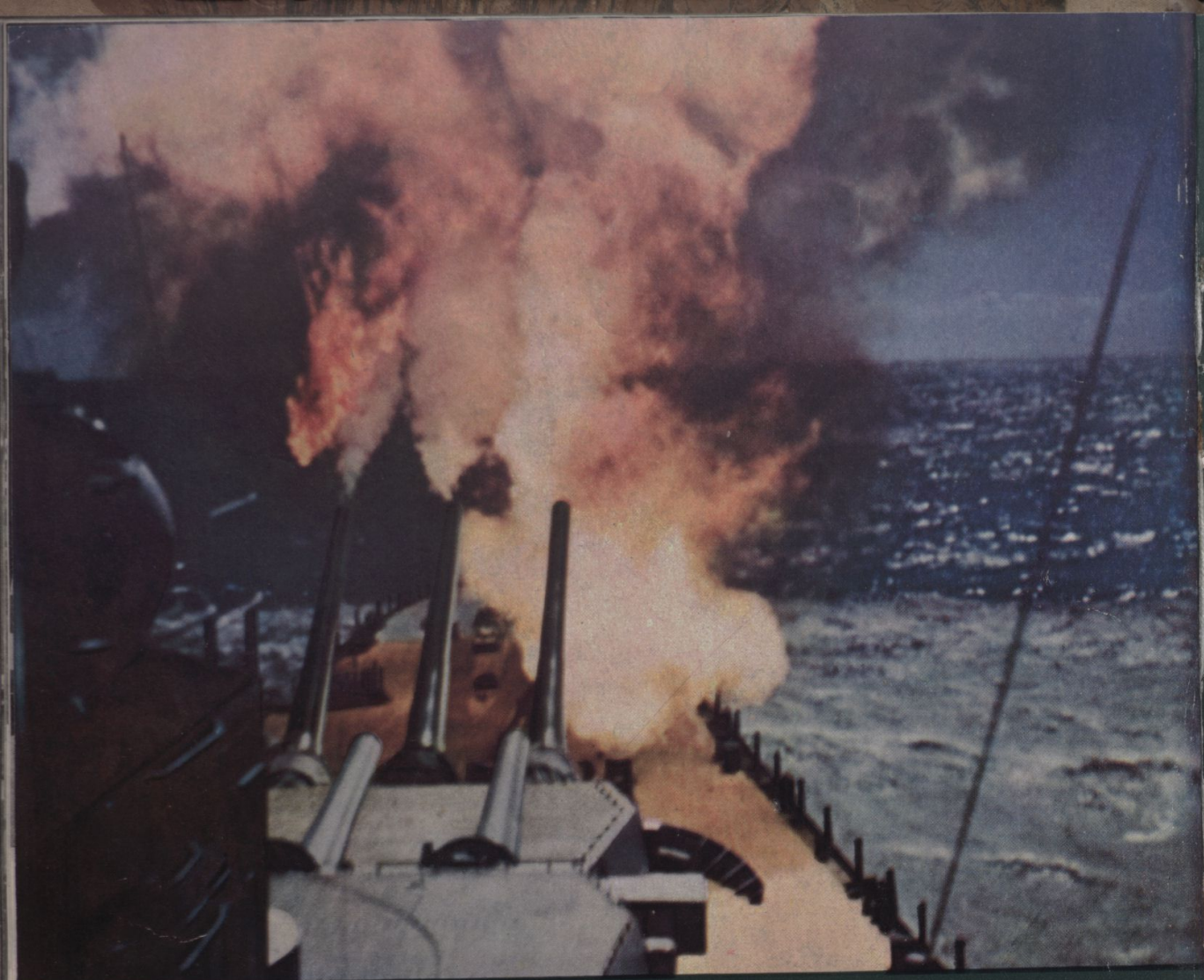
Ryan PT-20A. A expansão do programa exige 46.000 aviões desse tipo, para treinamento do meio milhão de pilotos que deverão estar habilitados em meados de 1942.



Condições físicas perfeitas são essenciais para os candidatos a cadetes da Aviação Militar dos Estados Unidos. A inspeção de saúde é a mais rigorosa das provas.



Uma vez em terra firme, a remoção do ar do pára-quedas é parte de grande importância no treinamento do soldado da mais moderna armas — a infantaria aérea.



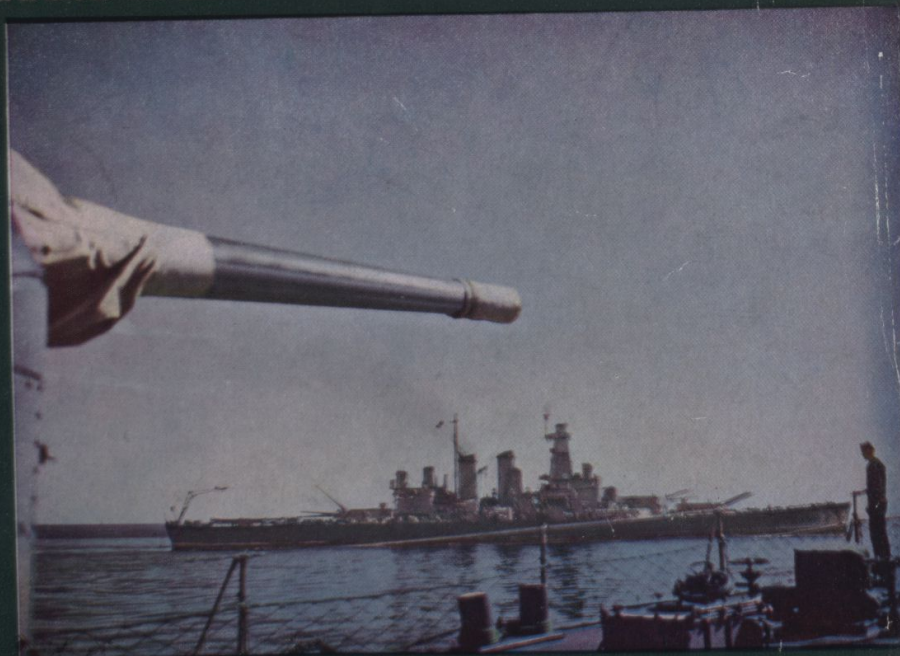
Com tremendo fragor, os canhões de torre do "North Carolina" arremessam seus projéteis a 40 quilômetros no mar.

O COURAÇADO NORTH CAROLINA

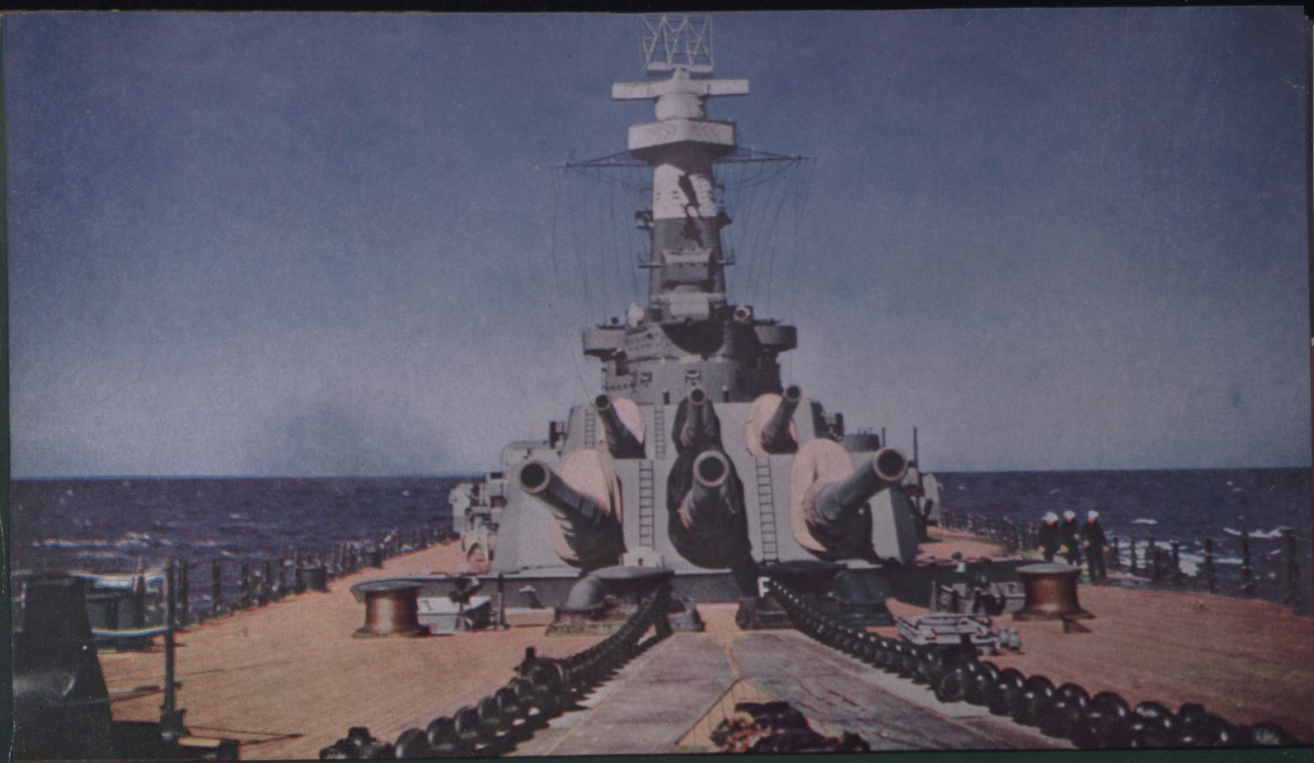
Com o fragor dos maiores disparos na história naval de todos os tempos, o "North Carolina" assumiu o seu lugar de mais poderoso vaso de guerra do mundo. Lançado ao mar em Nova York, a 13 de Junho de 1940, este formidável "superdreadnought" acaba de fazer experiências de máquinas, num percurso de 1.200 milhas, submetendo-se também a rigorosas provas de artilharia, antes de ser oficialmente incorporado à esquadra americana.

Encerrando um dia de inspeção e provas de fogo, os seus nove canhões de 406mm. e as demais baterias secundárias lançaram simultaneamente toneladas de aço em pleno mar. Foi a primeira vez que seis canhões fizeram disparos de conjunto.

(Continuação na página seguinte)



Capaz de desenvolver 27 milhas horárias, este é o couraçado mais veloz da Marinha Americana.



Seis de seus nove formidáveis canhões de torre, de 406mm.



O comandante O. M. Hustvedt observa as provas de tiro.



A marujada do "North Carolina" goza uma folga em Nova York.

(Continuação)

As provas de fogo foram as mais severas até agora levadas a efeito num navio de guerra. Os minutos que precederam o fantástico troar de suas possantes bocas de fogo, foram de intensa ansiedade. Os observadores, com algodão nos ouvidos, mantinham-se firmes, com as pernas bem abertas, aguardando o imprevisto. Através do auto-falante, ouvia-se a contagem dos últimos segundos. De repente, como que se si escancarasse gigantesca fornalha, dezenove línguas de fogo relampearam bruscamente. Seguiu-se um ronco pavoroso, e o couraçado tremeu como um terremoto, enquanto que de suas entranhas dez toneladas de aço projetavam-se no mar. O "North Carolina" havia feito a prova galhardamente.

Setenta milhões de dólares foi o custo desse couraçado. Guardam-no mais de um milhão de homens, entre oficiais e marinheiros. Mede 215 metros de comprimento, e na sua construção predominou a solda, havendo-se eliminado completamente as vigias, simplificado extraordinariamente a sua construção, e aumentado a resistência de sua estrutura.

O "North Carolina" e o "Washington" fazem parte do programa de 17 novos couraçados, e são os primeiros a serem incorporados à esquadra. Dois outros, o "Massachusetts" e o "South Dakota", já foram lançados ao mar, e breve serão incorporados. Os 13 restantes, dentre os quais se destacam alguns de 45.000 toneladas, encontram-se em vários estágios de construção.

Esses, entretanto, são apenas parte da nova esquadra, já consideravelmente aumentada. Desde que o Governo dos Estados Unidos resolveu duplicar a sua força naval, há 17 meses, contratos têm sido feitos para a construção da maior e mais poderosa esquadra que jamais sulcou os mares — 2.331 unidades de todos os tipos: desde supercourageados a possantes rebocadores de alto mar, abrangendo tudo um custo calculado em cerca de sete bilhões e trezentos milhões de dólares.



FOTO POR METTEE-FRITTITA, CEDIDO PELO "FORTUNE MAGAZINE"

O SECRETARIO DE ESTADO HULL

EDIFICADOR DE UM MUNDO MELHOR

O NOME de Cordell Hull está inseparavelmente ligado aos princípios de igualdade e equidade na política de Boa Vizinhança e no programa de cooperação adotado por todas as nações da América.

Mais longamente do que qualquer outro na história dos Estados Unidos — oito anos e meio — tem ele exercido o alto e espinhoso cargo de Secretário de Estado, que corresponde ao de Ministro do Exterior. Mais longamente do que qualquer outro homem público, dentre os vivos, tem ele se esforçado constantemente pela aplicação, em matéria de relações internacionais, dos preceitos fundamentais considerados por todas as nações pacíficas como os marcos indispensáveis que hão de orientar o mundo para um futuro melhor.

A colaboração econômica é, inquestionavelmente, parte integrante da política de Boa Vizinhança e das boas relações internacionais em geral. Neste particular, o Secretário Hull destaca-se como um dos maiores símbolos de liberalismo e de atuação inteligente e proveitosa. Há mais de 25 anos que já era ele um dos maiores expoentes em economia política nos Estados Unidos, influenciando vigorosamente com a sua opinião o Presidente Woodrow Wilson na formação de sua política internacional antes e depois da última guerra européia.

O plano de convênios comerciais recíprocos, ao qual se encontra o seu nome tão intimamente ligado, tomou forma definitiva muito antes da sua atual importância na política comercial externa dos Estados Unidos. Durante a primeira guerra, o Secretário Hull bateu-se galhardamente dentro e fora do recinto do Congresso dos Estados Unidos pela adoção desse método racional para facilitar a redução de barreiras alfandegárias absurdas, para estimular o intercâmbio comercial em geral e estabilizar a própria economia internacional.

Anos depois, entretanto, a sua atuação vinha produzir resultados, quando já Secretário de Estado, e com a aprovação do Congresso, apresentou o seu programa de acordos comerciais recíprocos, que vão atualmente encontrando a mais proveitosa execução pelas partes interessadas. O mais recente deles, o tratado firmado com a Argentina, é vivo exemplo dos seus produtivos esforços.

Um dos mais influentes membros do Governo do Presidente Roosevelt, com um longo passado de experiência política, e vigoroso advogado da defesa total das Américas e do auxílio às nações que reagem contra a agressão — o Secretário Hull não tem sido afetado pelas controvérsias políticas.

A sua palavra pesa consideravelmente em qualquer assunto de interesse nacional.

No Congresso, onde manifestou ele com energia e elevação a sua oposição a medidas consideradas contrárias ao interesse público, conseguiu sempre vencer pela força de sua lógica e de sua razão.

Ao desenfrear-se a presente guerra, o Secretário Hull não a considerou apenas como um mero conflito local, mas "como um verdadeiro movimento mundial de conquista pela força, submetendo-se os povos conquistados a selvageria e barbarismo como métodos de governar."

Para contrapor-se a essa ameaça, aconselhou ele a urgente preparação para a legítima defesa, e declarou que, com coordenação de esforços, "será possível oppor-se completa resistência ao atual movimento de invasão e destruição".

O Secretário Hull considera esse movimento como um assalto ao sistema de comércio internacional que se baseia em princípios de igualdade de equidade e reciprocidade de tratamento; é, por isso, um atentado para substituir esse sistema por outro, sedição, agora mascarado em roupagens novas, e que nada mais é que a imposição de restrições econômicas e o predomínio de benefícios apenas para o mais forte, em flagrante detrimento do mais fraco.

Com firme tenacidade e usando de todos os elementos possíveis, Hull está dando um exemplo na sua incansável campanha em prol do erguimento de obstáculos intransponíveis à agressão em geral, e ao mesmo tempo, em prol da manutenção e desenvolvimento do programa de cooperação econômico-financeira e política nas Américas e noutras partes do mundo.

O plano que ele encara como aplicável a todas as demais nações, é fundamentalmente o mesmo que as Repúblicas Americanas têm adotado como padrão de conduta em suas relações mútuas. A des-

peito de todos os estorvos, prosseguem elas consagradas à aplicação de seus princípios.

Com firme tenacidade e usando de todos os elementos possíveis, Hull está sendo um exemplo na sua incansável campanha em prol de obstáculos intransponíveis contra a agressão em geral, e ao mesmo tempo, para a manutenção e desenvolvimento do programa de cooperação econômico-financeira e política nas Américas e noutras partes do mundo.

A preocupação magna do Secretário Hull é presentemente preservar a segurança e integridade de sua pátria e de todas as nações da América, numa demonstração do mais irretorquível direito de legítima defesa. Os perigos que foram por ele antevisados, têm desde então aumentado dia a dia. Há um ano declarou Hull:

"Se os supostos conquistadores do mundo conseguissem dominar os outros continentes, procurariam imediatamente dominar os mares, os ares e finalmente toda a economia universal; poderiam interromper, com seus navios e aviões, as vias de comunicação, o comércio e a vida deste Hemisfério. Ver-nos-íamos na situação indeclinável de lutar no nosso próprio continente, em nossas próprias pátrias, em defesa da nossa independência e da nossa própria existência."

Em vista dos acontecimentos que se desenrolam no resto do mundo, o Secretário Hull, considera hoje ainda mais imperativas todas e quaisquer medidas de legítima defesa, afim de preservar a todo custo a integridade das Américas.

"A convicção de que as vias de comunicação do Hemisfério Ocidental, acham-se, de fato, sendo atacadas, não é mais questão de simples inferência", afirmou o Secretário de Estado; e concluiu: "O ataque está sendo contínuo e há razão para crer que

aumentará em continuidade e vigor. Em face de fatos e ameaças concretas, surge o direito e impõe-se o dever de nos defendermos pronta e resolutamente. Aquele que, procurando conquistar o mundo, predica e pratica o ataque terrorista, sem fazer distinção, não tem o direito de invocar lei alguma, quando as nações que as observam agem em legítima defesa."

Para o veterano observador de situações internacionais, o mundo é capaz de contrapor ao suposto direito da força, a força eficaz do seu legítimo direito.

O Secretário Hull tem absoluta confiança no triunfo da resistência contra os agressores e espera que uma paz duradoura seja restabelecida nas bases fundamentais da Justiça e do Direito.

PROFISSÃO DE FÉ

A 2 de Outubro, o Secretário de Estado Cordell Hull completou 70 anos. Sua Excia. teve ocasião de apresentar à imprensa das Américas a sua Profissão de Fé:

"Há 49 anos quasi ininterruptos que venho me dedicando ao serviço público federal e estadual. Nesse longo contacto, repleto de experiências, uma de minhas mais proveitosas lições tem sido a de convencer-me de que governantes e governados devem ter sempre em mente as responsabilidades que a liberdade impõe àqueles que dela desfrutam. Dêles é o dever de interessarem-se pela manutenção de um governo estável, e pela aplicação inteligente e desinteressada dos princípios e idéias que assegurem a paz e a estabilidade dos progressos sociais. Devem ambos cultivar uma firme determinação para que se evite o contágio de noções uniloquas, em matéria nacional e internacional. Para isto, naturalmente, impõem-se sacrifícios.

"Estamos atravessando dias de completa obscuridade. Mas é precisamente em tais ocasiões, que devemos todos apegar-nos resolutamente à fé que a todos nos anima, à fé no destino de homens livres e no supremo valor da moral Cristã."



Cordell Hull, completamente alheio a cerimônias, dirige-se da Secretaria de Estado para a Casa Branca, ao outro lado da rua, a-fim de conferenciar com o Presidente.

CORDELL HULL — O BOM VIZINHO

SIMPLICIDADE é um dos traços característicos do Secretário de Estado Cordell Hull, tanto em sua vida privada como na sua vida pública. Ele vive simplesmente em apartamento de hotel, em Washington, com sua devotada esposa, que zela carinhosamente pela sua saúde e por seus negócios particulares, e o acompanha sempre em suas viagens.

Tanto quanto possível, Hull evita funções de cerimônia, e abstém-se de qualquer ostentação em suas atividades sociais. As visitas e palestras com velhos amigos conservam-lhe a energia para os árduos afazeres públicos.

Em seu gabinete ou em sua casa, é ele completamente alheio à etiqueta, atendendo a embaixadores ou outras altas personalidades, com extrema afabilidade e franqueza, no mesmo estilo com que conversa com seus amigos particulares.

Os delegados às conferências interamericanas têm sido impressionados com essa sua modestia e lianeza de trato, e sua quase total indiferença a protocolos. A essas conferências, Hull tem comparecido com seu simples chapéu cinzento, de passeio, ou com um "panamá"; e ali não raro, deixa sua poltrona e vai trocar idéias com os delegados das Repúblicas Americanas.

Nos últimos anos, o excesso de trabalhos oficiais tem-lhe deixado sem vagar para exercícios físicos, exceto andar ou tomar parte em alguma partida de "croquet".

Diariamente, ao meio dia, recebe ele a imprensa — sendo o único membro do gabinete que o faz cotidianamente. E de pé, à cabeceira de sua longa mesa no salão de recepção, responde a tôdas as perguntas dos jornalistas, sempre variadas, e faz suas importantes declarações sobre assuntos de política interna e externa.



Estimado pelos jornalistas em Washington, Cordell Hull foi agradavelmente surpreendido pelo presente que eles lhe ofereceram por ocasião do seu setuagésimo aniversário

natalício: um bolo decorado com 21 velas—simbolizando as 21 Repúblicas Americanas, por cuja coesão e solidariedade continental Hull tem sido um grande expoente.



Ao Presidente Roosevelt in-piram profunda confiança as opiniões do Secretario de Estado. E' um valiosissimo conselheiro nas questões de política internacional.



Tendo sido membro do Congresso em várias legislaturas, o Secretário Hull visita frequentemente seus ex-colegas, que lhe dedicam profundo respeito e sincera amizade.



A Senhora Cordell Hull é a devotadíssima companheira do Secretário de Estado, que sempre o acompanha em todas as suas viagens importantes, no país e no est-angeiro.



Intimo colaborador do Secretário de Estado, é o Sub-Secretário Sumner Welles. O Senhor Welles, como Cordell Hull, e também pioneiro da política de "Bôa Vizinhança".

O CONVÊNIO COM ARGENTINA

OS governos dos Estados Unidos e da Argentina, concluindo com extraordinário êxito as negociações que há anos vinham sendo discutidas, assinaram um convênio comercial recíproco em 14 de Outubro último. O ato teve lugar no Salão de Ouro do Palácio de San Martin, em Buenos Aires.

Ambos os governos exaltam esse convênio como um sinal de triunfo para a cooperação e amizade, que soluciona todos os complexos problema de relações comerciais, colocando-as finalmente numa base sólida e equitativa de benefícios recíprocos. Em linhas gerais, o recente convênio comercial serve para estabelecer normas para um maior intercâmbio de produtos.

De especial importância é a cláusula pela qual as duas nações aderem aos princípios incondicionais "de nação mais favorecida" — essência de relações amistosas comerciais. Com certas exceções relativas a condições locais ou temporárias, os dois países desistem de todos os acordos comerciais preferenciais, tais como os que envolvem compensação bilateral de moeda, intercâmbio comercial compensado, e concessão de favores especiais que não forem extensivos a todas as nações amigas.

O convênio foi considerado por ambos os governos como uma realização de significação mundial. Assim se externou o presidente Roosevelt: "O acordo é uma elevada contribuição para o bem estar econômico de nossos dois países e para a reconstrução pacífica e proveitosa das relações comerciais interamericanas e do resto do mundo. De futuro, olharemos retrospectivamente para este tratado hoje assinado, como um monumento aos ideais da paz, e que constitui um alto e orgulhoso relêvo nas planícies desoladas de guerra e destruição".

Em nota acompanhando o convênio, declarou o Governo Argentino:

"Pelos representantes do Governo Argentino foi manifestada a esperança de que a reconstrução econômica do mundo depois de guerra, possa criar condições favoráveis que pro-

porcionem à Argentina uma participação ativa no intercâmbio com outras nações, dentro de um sistema liberal, no qual as barreiras que ultimamente lhe entravavam o desenvolvimento normal, não mais existam".

O convênio comercial com a Argentina é o décimo-segundo já assinado entre os Estados Unidos e as Repúblicas suas irmãs do Hemisfério. Outros convênios estão sendo projetados com outros países. Cada convênio representa um passo a mais para estimular o comércio e a extensão do princípio de "nação mais favorecida", cujo efeito é generalizar a redução de barreiras comerciais. Com esse espírito de colaboração interamericana, outros países do continente estão consolidando reciprocamente suas relações. E aqui no Novo Mundo desenvolvem-se agora os núcleos de um melhor sistema econômico internacional.

O que isto significa para o futuro foi bem acentuado pelo Sub-Secretário de Estado Sumner Welles, quando afirmou: "É essencialmente nos domínios do comércio exterior, através da completa emancipação do comércio internacional, que as nações do mundo, nos anos subsequentes à paz, retornarão à colaboração amistosa em todos os assuntos político-econômicos".

Não só durante os anos de paz, como desde que começou a guerra, que as Repúblicas Americanas têm proclamado a sua sólida adesão a esses liberais preceitos de comércio.

As caóticas condições de esfacelamento ora existentes no comércio mundial acentuam mais que nunca a imperativa necessidade da colaboração econômica — base inerente de todas as legítimas relações comerciais.

A visão que tem caracterizado o estudo e a solução dos problemas financeiros, econômicos e comerciais das diversas nações do continente americano, justificam fartamente a convicção de que para o Novo Mundo, a soberania da ordem em todos os seus progressos é, indiscutivelmente, a garantia suprema almejada por todos quantos procuram um futuro que seja momento expressivo dos amistosos esforços do presente.



Antes da assinatura do convênio, no Palácio de San Martin, em Buenos Aires, procedeu-se a leitura da mensagem enviada pelo Presidente Roosevelt.



O Embaixador Armour (E.U.) e o Ministro das Relações Exteriores E. Ruiz Guinazu (a direita) assinando o convênio.



O piloto de prova assume o seu posto. Antes de sair da fábrica, o tanque é submetido a rigorosas provas de resistência e eficiência. Obstáculos aquáticos, terrenos acidentados, postes telegráficos, árvores, enfim, tudo que oferece dificuldade enfrenta um tanque, antes de ser enviado para as zonas de guerra.

O TANQUE DE 28 TONELADAS

POR sugestão das autoridades militares americanas, os fabricantes de armamentos estão concentrando sua atenção no novo tipo de tanque de 28 toneladas. A Secretaria da Guerra também está adquirindo os tanques de 13 toneladas, e contempla-se dar em breve ordens para a fabricação dos tanques de 60 toneladas. Entretanto, a alma das forças mecanizadas do país será o tanque de 28 toneladas, com os quais é possível obter-se a melhor combinação de velocidade e leveza, ao par da resistência de suas couraças e o poder de sua artilharia.

Acionados por um motor de 400 HP, esses monstros de 28 toneladas podem desenvolver uma velocidade de 50 quilômetros horários no terreno mais acidentado. Sua couraça resiste a projéteis de 75 mm., exceto à queima roupa. Em compensação, os seus canhões de 75 e 37 mm. e várias metralhadoras proporcionam-lhes um poder de fogo efetivo a alguns quilômetros de distância.

Antes de sair de ser entregue, cada tanque é submetido às mais rigorosas provas em terreno especial, dotados de todos os obstáculos imagináveis, armadilhas, árvores, postes telegráficos, etc., de modo a pôr à prova a resistência e eficiência dessas poderosas máquinas de guerra.

Nos desertos da África, atualmente, alguns desses tanques têm demonstrado sua capacidade ofensiva superior a de outros tipos em uso. Uma das evidentes vantagens do tanque de procedência americana sobre os de procedência europeia, acha-se no desenho da cintragem. Esta é feita de borracha vulcanizada sobre aço, em vez de aço apenas. Isto proporciona maior durabilidade, condição de excepcional valor em se tratando de tais máquinas de guerra.



Um poste telegráfico de respeitáveis dimensões parte-se como se fosse um palito, sob a formidável pressão de um monstro mecânico de 28 toneladas, fabricado nos E.U.A.

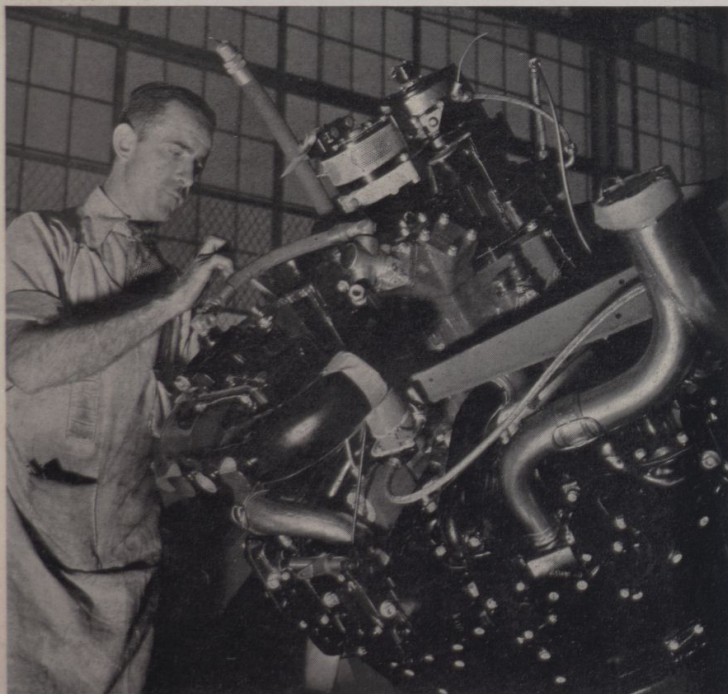
2000 TANQUES POR MÊS



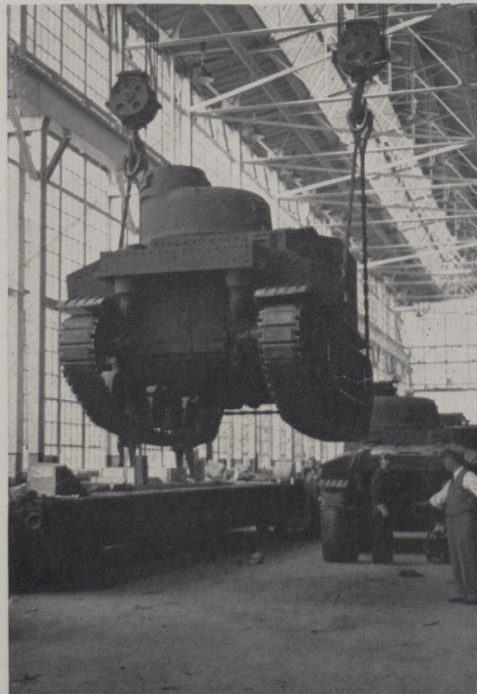
Nove meses depois de preparado o terreno para a instalação desta fábrica, saiu pronto o seu primeiro

tanque. Este é um dos monstros de aço mais possantes de seu tipo, que dispõe de perfeita manabilidade e ex-

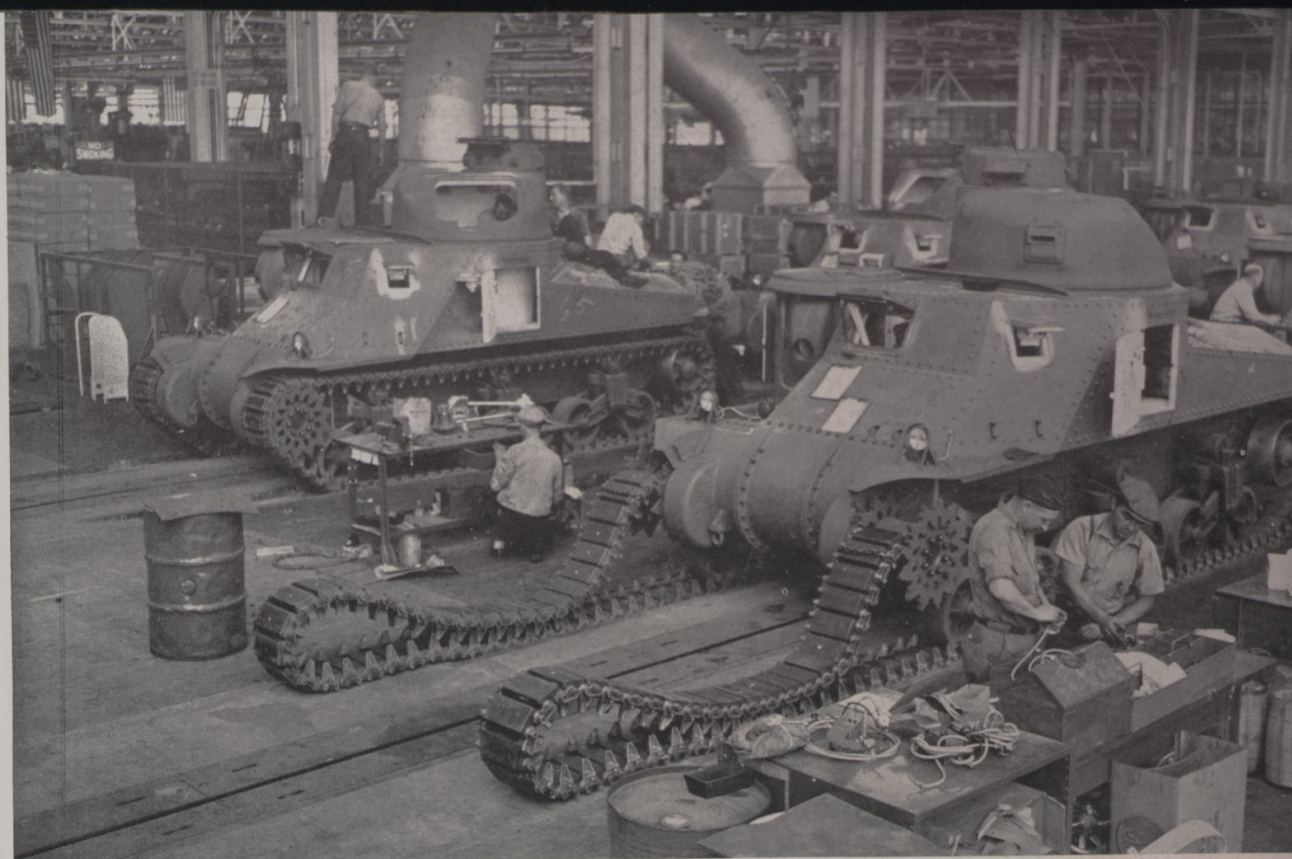
traordinário poder ofensivo e defensivo. É uma verdadeira fortaleza ambulante, de resistência a toda prova.



Os tanques norte-americanos estão sendo acionados por possantes motores de aeroplanos, que apresentam a grande vantagem de concentrar 400 cavalos vapor de força em espaço mais reduzido possível.



Enormes tralhas suspendem os monstros de 28 toneladas, no fim da linha de montagem, como se fossem brinquedos de criança.



Nêste imenso arsenal de tanques, perto de Detroit, os tanques são terminados em longas linhas de montagem,

de quilômetros de extensão. A técnica é similar à usada na indústria de automóveis, embora seja mais lento o

movimento devido à natureza diferente da montagem que é mais complicada e, naturalmente, requer muito mais tempo.

OS ARSENAIS PRODUZEM EM MASSA . . .

DE acôrdo com os planos assentados para a fabricação de tanques, esperava-se a entrega de mil unidades por mês a começar de 1942. Hoje, sabe-se que essa entrega será de mais de dois mil.

"A produção mensal de tanques médios de 28 toneladas será dobrada. Planos estão sendo postos em execução para ativar os trabalhos, de modo a garantir pelo menos dois mil mensais", declarou o Sr. W. H. Harrison, chefe da Diretoria de Produção.

O Presidente Roosevelt, quando interrogado à respeito, pelos jornalistas, em Washington, afirmou que aquela cifra iria ser ultrapassada. A verdadeira quantidade, entretanto, continuará redada à divulgação, por motivos que se prendem aos interesses da defesa nacional.

A fim de apressar a manufatura de tanques e mais tanques, mais e mais fabricantes de automóveis e respectivos acessórios estão a entrar em intensa produção de peças necessárias a esses verdadeiros fortes móveis. A General Motors e a Ford Motor Company estão construindo rapidamente duas enormes fábricas, e várias outras facilidades estão sendo conjugadas e dispostas para dar impulso à produção em massa.

Desde o início do programa de produção, tem tido crescente desenvolvimento o acabamento de tanques leves, de 13 toneladas, e dos médios, de 28 toneladas. O tipo mais moderno, de 60 toneladas, já foi aprovado satisfatoriamente, tendo sido iniciada a sua produção.

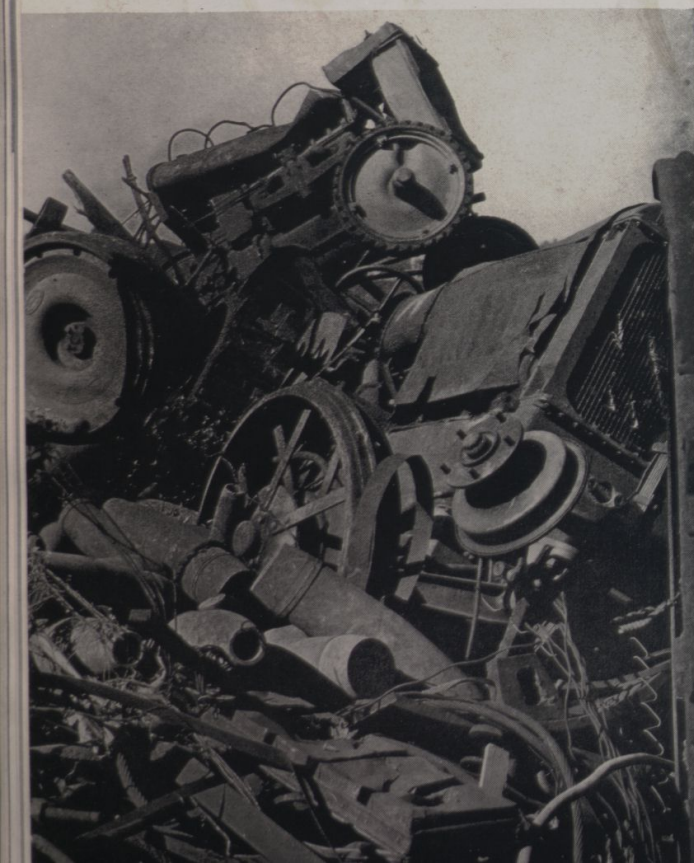
De conformidade com os resultados conhecidos até agora, os tanques americanos têm demonstrado ser superiores a qualquer tanque de outras procedências — em mobilidade, dirigibilidade, e poder de fogo. Quanto à capacidade produtiva dos Estados Unidos, peritos são acordes em afirmar que a sua média é excelente. E breve os arsenais americanos serão os maiores produtores de tanques no mundo, sem receio de competição nem no desenho, na técnica, ou acabamento, conforme já estão dando provas suficientes os tanques de procedência americana, ora usados com notável bom êxito pelas forças britânicas nos desertos da África.



Com o Capitólio ao fundo, em Washington, as forças motorizadas dos Estados Unidos fizeram uma demonstração de sua força, em imponente parada bélica que registra a evidência da preparação do país.



Em Nova York, aumenta a coleta de jornais velhos. A polpa de papel serve para fabricar explosivos. Em baixo: Ferro velho é valioso. Os Estados Unidos estão recuperando 25 por cento de aço, 34 por cento de cobre, 22 por cento de alumínio e 20 por cento de chumbo.



A DEFESA NACIONAL IMPÕE SACRIFÍCIOS



A escassez de seda criou um problema que a mulher americana está resolvendo com a meia de algodão.

de pôr de parte mensalmente frações do todo a ser pago anualmente.

De mais fácil apreensão é a significação da escassez, que se vai notando em muitos materiais. Para a produção dos meios de defesa impõe-se o uso em quantidade enorme de aço, cobre, borracha, estanho, alumínio, zinco, níquel, cortiça, productos químicos, e tantos outros de interminável lista, tem-se então uma idéia das consequências que se refletem na indústria civil, quando a indústria de guerra entra no marcha acelerada, contínua, e crescente da produção em grande escala.

Contudo, a despeito das numerosas providências tomadas dentro e fora do país, para o fornecimento em quantidade suficiente de tais matérias primas essenciais, o seu consumo já vai deixando a descoberto os últimos remanescentes de muitas delas.

A situação do cobre é um exemplo típico do problema. O total em mão desse indispensável metal, em 1942, está estimado em 1.650.000 toneladas, das quais as indústrias de defesa e as quantidades estritamente necessárias às indústrias civis devem de absorver 1.300.000 toneladas. Restam, portanto, apenas 350.000 toneladas para todas as demais aplicações civis — cujas necessidades exigem uma quantidade estimada em 1.100.000 toneladas.

O aço necessário a ambas as indústrias em 1942, já excedeu de vários milhões de toneladas a produção estimada, de forma que até mesmo o essencial à indústria civil terá que ser reduzido.

De como se encontra a escassez afetando a vida normal, observa-se na indústria de construção civil. O governo determinou a restrição no uso de materiais escassos em todas as construções que não forem diretamente ligadas à defesa ou necessárias à saúde e segurança públicas.

A produção da indústria do automóvel, está sendo reduzida de pelo menos 50 por cento, com ainda maiores reduções em vista. Nos automóveis de passageiros, alumínio, cobre, níquel e cromo, estão sendo eliminados em várias peças da sua construção.

Intensa campanha pelo país inteiro está produzindo resultado, quanto à coleta de metais. O que já se conseguiu quanto a utensílios de alumínio, desde colherinhas de chá até enormes caldeirões, fornece alumínio suficiente para construir 1.900 aviões de combate ou 350 bombardeiros.



Em Havana, essas senhoritas coletam alumínio para os Estados Unidos.

OS efeitos dos trabalhos de defesa já se fazem sentir profundamente nos lares e na vida cotidiana do povo norte-americano.

Em muitos respeitos e de forma variada, sacrifícios estão sendo feitos a bem da segurança nacional — sacrifícios que vão aumentando pouco a pouco. Novos impostos já votados, começarão no ano próximo a sulcar fundo nas rendas do contribuinte, que já está enfrentando heróicamente os seus deveres para com as exigências da defesa.

Para amortecer o choque da majoração de impostos, o governo procura animar no espírito do público a conveniência



A coleta de alumínio nos Estados Unidos já dá para construir 1.900 aviões de combate ou 350 bombardeiros. Eis aqui um aspecto da coleta, em Times Square.



Com um instrutor, no Campo Randolph, Texas: (Da esquerda para a direita): Major Tomas Gatica e

tenente Ricardo López, do Chile; tenente Henry D. Fuller, do Perú; tenente Ralph H. Salzman, Jr., dos

Estados Unidos; tenentes Fernando B. Blanco, Alberto L. Garcia e Erling Olsen-Boje, do Uruguai.

ESTUDANTES MILITARES

UMA ESCOLA MILITAR DO HEMISFÉRIO

NENHUMA das Repúblicas Americanas deseja a guerra. Mas, tal como os Estados Unidos, que já apropriaram 63 bilhões de dólares para garantirem-se com formidáveis forças de terra e mar, as demais nações do Hemisfério estão dispostas a preparem-se militarmente para a guerra.

Vê-se aqui um aspecto da execução desse programa de defesa. Em companhia de oficiais do Exército dos Estados Unidos, militares da América Central e do Sul familiarizam-se nas escolas de treinamento com a complicada técnica da guerra moderna. Muitos deles estão fazendo cursos facilitados pela Aviação Militar, nos quais se inclui rádio, comunicações, navegação diurna e noturna, vôos transcontinentais, análises meteorológicas e técnica do pára-quadras.

Outros militares, oficiais de artilharia de costa, estão aperfeiçoando conhecimentos acerca de canhões anti-aéreos, em ação conjunta com projétores eléctricos de 800.000.000 velas e localizadores pelo som, e estão estudando também a operação de artilharia ferroviária e canhões de 155 mm.

Outro curso importante é o referente ao estabelecimento de zonas minadas, cujas minas podem ser explodidas à vontade por controles eléctricos acionados em terra. Os cursos da Escola de Engenharia abrangem construção, reparos e conservação de qualquer forma de estrutura. Conquanto os oficiais matriculados nesse curso aprendem a construir fortificações, demolir fortes inimigos, colocar minas e destruir as do inimigo, aprendem também a fazer muita coisa útil em tempo de paz.



Experimentados aviadores em suas respectivas pátrias, estes dez oficiais do Exército de cinco Repúblicas Americanas estão fazendo um curso de moderna tática

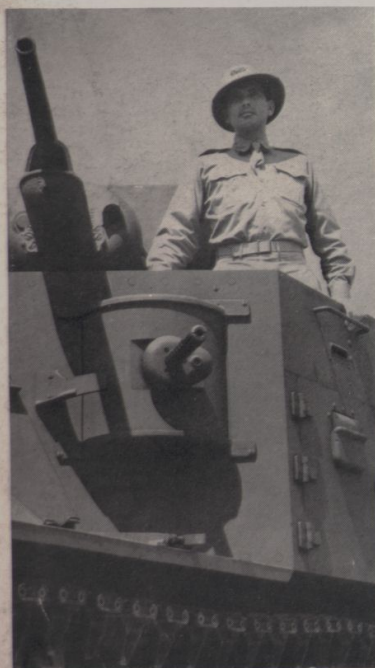
aérea na Escola do Campo Randolph, no Texas. Fotografados em cima com o major Montgomery, (E.U.) são oficiais da Bolívia, Brasil, Honduras, Paraguai e Perú.



Tenente Juan M. Cardona (Argentina) (em cima) aluno em Fort Sill, Oklahoma, torna-se perito no manejo do canhão de 105 mm. em seu curso de três meses.

"Habilidade aeronáutica excepcional" foi a nota meritória na graduação destes oficiais (em baixo). O tenente A. Gandarilla Gracia, (México), recebe o seu diploma.

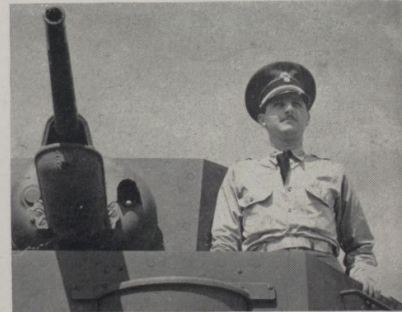
TANQUES SÃO OS PREFERIDOS



Tenente Eduardo Martín Elena, de Cuba.



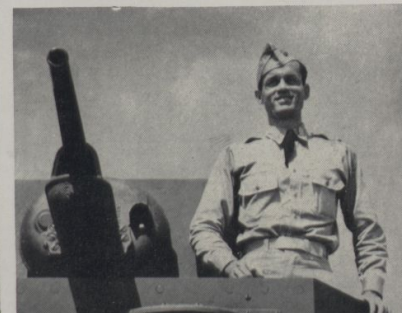
Capitão Francisco A. Brites, do Paraguai.



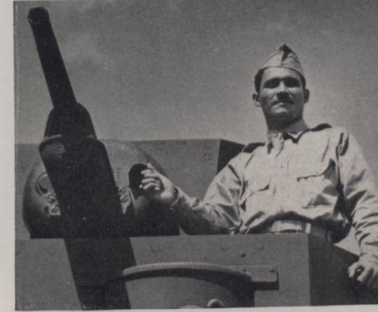
Tenente Fernando Segreda, de Costa Rica.



Tenente Cobian da República Dominicana.



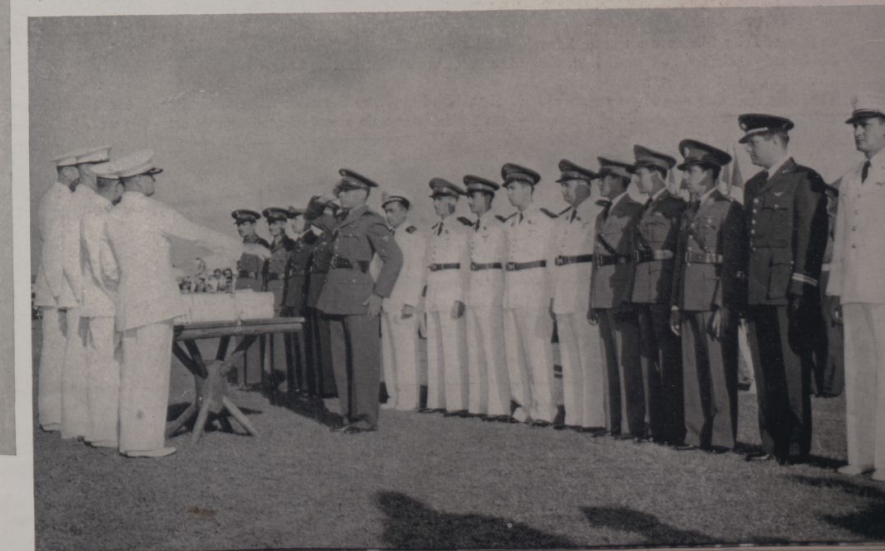
Tenente Adolphe Bonnefil, do Haiti.



Capitão Fidel Quintanilla, de El Salvador.



Tenente Oscar Mendoza, da Guatemala.





Tenentes R. A. Gaxiola, Alfonso Gandarilla Gracia e Heriberto García, do México, inspecionando um avião de treinamento.



Da Esquerda para a direita: Tenentes A. J. Maldonado, F. Moreno, major Marciano, tenentes J. E. Roberts, instrutor, R. Sierra Alta e L. Calderon.



Dez Oficiais aviadores de oito Repúblicas Americanas, estudando co-



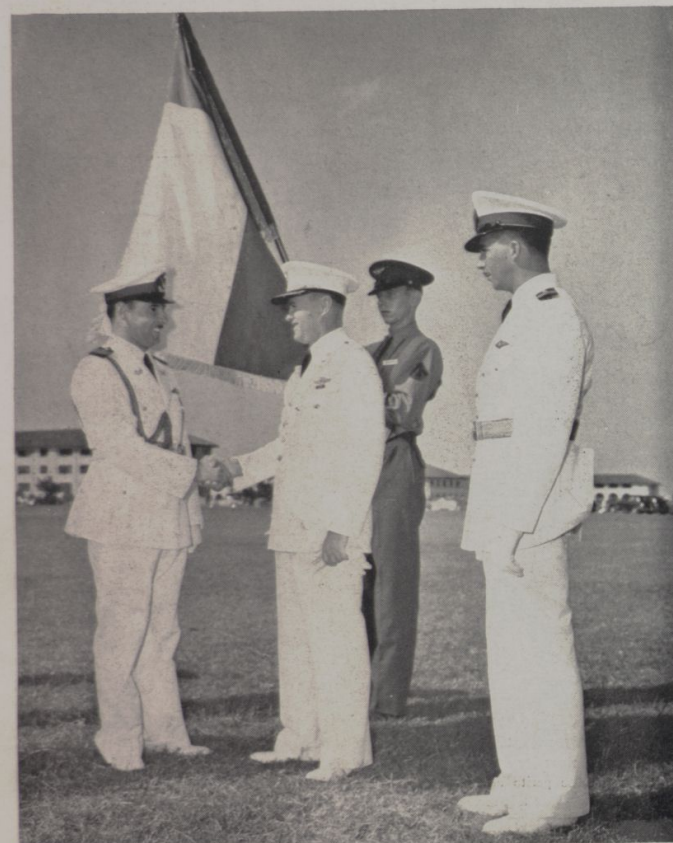
municações radiotelegráficas, como parte do seu curso no Campo Randolph.



O Tenente Edmundo Vargas, da Nicarágua, no rádio de comunicação dual, nos comandos do seu avião de adestramento num campo de instrução do Texas.



Com o seu instrutor ao lado, o tenente Telmo Vargas, do Exército do Equador, na alça de mira de um obuzeiro.



O Major Felix Olmedo e o tenente Eduardo Middleton, do Exército Chileno, oferecem uma bandeira de sua pátria ao coronel I. H. Edwards e ao cadete R. W. Stitt no Campo Randolph.



O Coronel Manuel Moran, Chefe do Estado-Maior; comandante Antonio Picardi, Chefe das Operações Navais, e tenente-coronel Antonio Eleazar Niño,



Chefe do Serviço de Remonta e Veterinário, do Exército Venezuelano, observam um projétil de 75 milímetros atingir um alvo aéreo, na Fortaleza Monroe.



O Tenente Fausto V. Miranda, do Exército Paraguai, ao deixar um avião do Exército Norteamericano durante um curso que requer 100 horas de voo diurno e noturno, e voo transcontinental.

Oficiais uruguaios passam em revista os cadetes duma guarnição de metralhadoras.

O Capitão Ruy Vieira Souza, do Exército Brasileiro, num "Link Trainer" — um "avião" destinado a conhecimentos gerais antes dos verdadeiros vãos.

Os Tenentes L. Latorre (centro à esquerda) e Rebeiz Pizarro, do Exército Colombiano, num carro blindado.

O Capitão Luis Alonzo Fiallos, do Exército da República de Honduras, prestes a iniciar o seu voo, no Campo Randolph, Estado de Texas.

O Capitão José A. Remon (Panamá), com o major J. H. Stodter (E.U.A.) (à esquerda), num carro blindado.

O Tenente Enrique Espinosa, do Exército Peruano, tomando o seu aparelho para um voo.



BOLSAS PARA AVIAÇÃO

DESDE 1938 que o governo dos Estados Unidos tem concedido bolsas de estudos aeronáuticos, para incentivar a instrução e adestramento de milhares de novos pilotos necessários à expansão de linhas comerciais, assim como a formação de engenheiros aeronáuticos e mecânicos indispensáveis aos serviços de aviação. Em menos de três anos, mais de 60.000 jovens têm feito esses cursos especializados.

Agora, as escolas de aviação dos Estados Unidos abrirão suas portas aos estudantes das demais Repúblicas Americanas. A começar de 1942, bolsas serão concedidas à candidatos aos cursos de pilotagem, engenharia aeronáutica administrativa, mecânicos instrutores e mecânicos.

Os candidatos aprovados farão o curso completo da especialidade que escolherem. Terão direito a passagem de ida e volta, assim como a todas as despesas referentes a estudos e estadia. Tais despesas, entretanto, não são extensivas a esposas ou dependentes.

E' fato sabido que nos Estados Unidos, vários de seus grandes aviadores, aclamados por seus feitos aeronáuticos, iniciaram sua carreira modestamente. O mesmo se observa em outros países americanos.

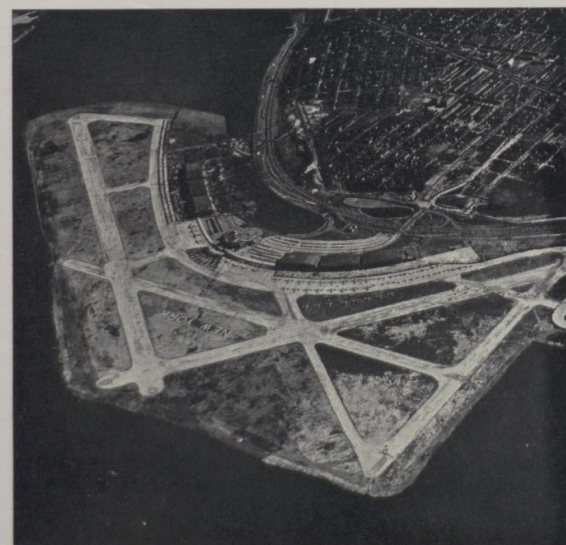
Do extraordinário interesse com que se desenvolvem os estudos aeronáuticos nos diversas nações da América, presentemente, resultará o adestramento dos grandes aviadores de amanhã, a destacarem-se no progresso do mais moderno e mais rápido dos meios de transporte. Irão eles desenvolver novas linhas comerciais aéreas, dirigir novos e maiores aerodromos, e disseminar mais ainda os conhecimentos de aviação.

O grande desenvolvimento que a aviação tem tido nos Estados Unidos, e que agora também vai tendo em todos os países da América, encontrará nas medidas estabelecidas por iniciativa do Governo Norte-Americano uma verdadeira consagração geral ao estudo e aplicação de todos os requisitos indispensáveis ao domínio da navegação aérea.

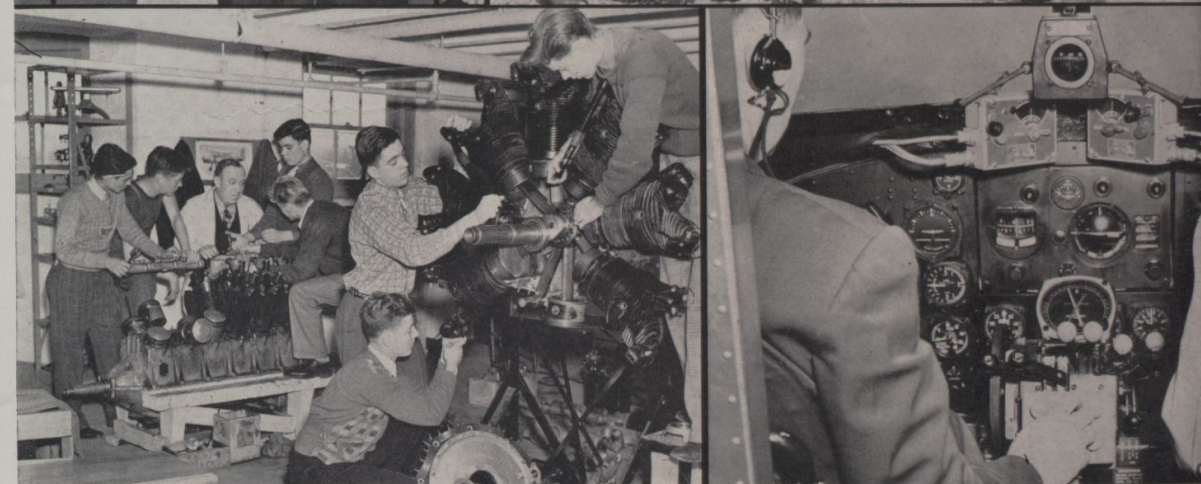
E si no campo da aviação civil e comercial tal vantagem será inestimável, não menos o será sob o aspecto da aviação militar, isto é, da defesa de toda a vasta área do continente. Com o incomparável progresso que a indústria dos Estados Unidos tem alcançado e que continuará a alcançar sem receio de comparações, com o aperfeiçoamento técnico-aeronáutico de todos os detalhes que entram na construção e na performance de seus aviões comerciais e militares, não resta dúvida que é na América que se encontra o verdadeiro futuro da aviação.

Resta agora ativar a organização do pessoal necessário. E nisto também, o continente americano conta com matéria prima de primeira ordem.

Pronto com o seu para-quedas, este cadete prepara-se para o seu primeiro "solo". Em baixo, Ximeno Tejada (à direita), filho do ex-presidente da Bolívia, interessa-se por importantes detalhes durante o seu curso de aviação civil nos Estados Unidos.



Devido a seus magníficos aeroportos, como o que se vê aqui, é possível em todas as cidades americanas desenvolverem-se os cursos práticos de aeronáutica.



Alguns aspectos do treinamento na aeronáutica civil: Em cima, à esquerda, um instrutor numa aula de aerodinâmica. A direita, os alunos em pleno campo du-

rante uma explicação da nomenclatura do aparelho. Em baixo, à esquerda, alunos desmontam um motor de avião, observando detalhes do seu funcionamento. A di-

reita, o instrutor dá uma explicação prática num painel especial da operação e funcionamento dos vários instrumentos necessários ao voo na técnica da aviação moderna.

CONDIÇÕES PARA AS BOLSAS

Pilotos Aviadores

A) - Curso patrocinado pela Aviação Militar dos Estados Unidos. Não inclui matéria técnica militar. Período: 30 semanas, aproximadamente. Só serão admitidos candidatos solteiros, de 21 a 26 anos de idade.

B) - Curso patrocinado pela Administração da Aeronáutica Civil. Período: 25 semanas. Serão admitidos candidatos casados, mas todos devem ser de 21 a 35 anos de idade. Ambos os cursos constam de 200 horas de instrução de voo. Os candidatos deverão ter o curso secundário completo. Ao terminar o curso de treinamento, os estudantes regressarão aos seus respectivos países, devidamente graduados para servirem como pilotos, ou instrutores.

Engenheiros Aeronáuticos Administradores

Os candidatos a este curso farão um curso de dois anos da Administração de Aeroná-

tica Civil. O curso constará de 2.750 horas de instrução, aproximadamente. Os graduados ficarão capacitados para dirigir a instalação de sistemas para a operação, conservação e reparos de aviões, ou para instruírem mecânicos. Os candidatos deverão ser graduados em engenharia em qualquer escola superior oficialmente reconhecida.

Mecânicos Instrutores

A Administração da Aeronáutica Civil proporciona este curso de 2.300 horas de instrução, de mais de 20 meses. Os graduados ficarão habilitados a servirem como instrutores ou mecânicos superintendentes em fábricas de aviões. Os candidatos deverão ter pelo menos dois anos de curso secundário ou período equivalente de prática de mecânica.

Mecânicos

A Administração da Aeronáutica Civil proporciona este curso de 880 horas, durante

um período de 6 meses. Os graduados ficarão habilitados a servirem como mecânicos de aviação. Os candidatos deverão ter completado o curso primário.

Condições Gerais

Todo candidato deverá ser cidadão do país em que fizer o seu requerimento. Todos os candidatos deverão manifestar expressamente a sua intenção de seguir a carreira de aviação em seus respectivos países. Será necessário conhecimento prático da língua inglesa.

Seleções

Será organizada em cada país uma banca para proceder às seleções finais. Os candidatos serão submetidos ao exame da banca, e serão considerados de acordo com as suas condições de educação, saúde, aptidões mecânicas, experiência, interesse em aviação, caráter e qualidades individuais, e capacidade para dirigir.

A AMIZADE INTERAMERICANA

Em recente visita aos Estados Unidos esteve o Vice-Presidente do Perú, Rafael Larco Herrera, que pôde verificar vários detalhes referentes à política e ao programa dos Estados Unidos em face da situação internacional.

O estadista peruano logo ao chegar, na costa do Pacífico, visitou várias fábricas de aviões. Em seguida, atravessou o continente, dirigindo-se a Nova York, Boston e, finalmente, Washington, de onde regressou à sua pátria, depois de visitar o Presidente



O Vice-Presidente e o Embaixador do peru.

Roosevelt e o Secretário de Estado Hull. Na fotografia, vê-se, à esquerda, o Vice-Presidente Larco em companhia do Embaixador Peruano nos Estados Unidos, Sr. Freyre y Santander.

Desde Setembro que se encontra nos Estados Unidos, em estudos técnico-militares, o General Eleazar Lopez Contreras, do Exército Venezuelano, dedicando-se especialmente a matéria ligada ao programa de defesa norte-americano. Em recente cerimônia, o General Contreras teve ocasião de depositar uma corôa no túmulo do Soldado Desconhecido, no Cemitério Nacional de Arlington, em Virginia.

O General Newton Cavalcanti, chefe das forças mecanizadas do Exército Brasileiro, em companhia de dois outros oficiais deverão fazer este

mês demorada visita de inspeção a várias unidades mecanizadas norte-americanas e centros de instrução dessa especialidade.

Apresentou suas credenciais ao Presidente Roosevelt, o novo Embaixador da República do Panamá, Dr. Ernesto Jean Guardia. A cerimonia revestiu-se de expressiva cordialidade. O Presidente e o Embaixador reafirmaram a adesão de seus respectivos países aos princípios fundamentais de solidariedade continental, adotado pelas 21 Repúblicas Americanas.

Numa estadia de três meses, em visita aos Estados Unidos, acha-se o Dr. Horácio Carvalho, diretor do *Diário Carioca*, do Rio de Janeiro. O jornalista carioca, que veio em companhia de sua exma. esposa, foi portador de uma mensagem dos jornalistas brasileiros para o Presidente Roosevelt.

Com a elevação da Legação do Uruguai em Washington a Embaixada, apresentou suas credenciais como primeiro Embaixador daquela República Americana nos Estados Unidos, o Dr. Juan Carlos Blanco. Em sua recente visita a Nova York, foi o novo Embaixador Uruguiaio homenageado pela Pan American Society, que lhe ofereceu um almôço.

Em visita de observação das atividades de defesa, esteve no mês passado nos Estados Unidos, uma comissão de onze membros da Câmara de Deputados da República Argentina, chefiada pelo seu presidente, Deputado José Luiz Cantillo. Todos vieram acompanhados de suas respectivas famílias. A convite do líder da Casa dos Representantes dos Estados Unidos, Sam Rayburn, os deputados visitaram várias fabricas de aviões e centros de manufatura de material bélico. Os congressistas platinos foram distinguidos com várias recepções. Da comissão fazia parte o Deputado Raul Damonte Taborda, presidente do Comitê de investigação de atividades anti-argentinas.

Na foto abaixo, vê-se o Deputado Cantillo, à extrema esquerda. Os demais, são, da esquerda para a direita: Deputados Raul Damonte Taborda, Juan

I. Cooke, Armando G. Antille, Juan Simon Padros, Nicanor de Costa Mendez, Américo Ghioldi, Adolfo Lanus, Fernando de Prat Guy, Américo Peretti e Alejandro Gancedo.



E. G. Holt

plantas medicinais, lã, etc.

A missão é chefiada pelo Sr. Ernest G. Holt, chefe da Divisão de Biologia da Seção de Conservação do Solo, do Departamento de Agricultura. O Sr. Holt já passou vários anos em estudos na Venezuela, Brasil e outros países americanos. Estudos já foram procedidos em sete países: Colômbia, Cuba, Honduras, Haiti, México, Perú e Paraguai.

A cidade de Nova York teve a sua primeira impressão da guerra moderna, quando, em outubro, a Aviação Militar Americana simulou uma incursão prática noturna sobre a movimentada metrópole. Enquanto possantes projetores elétricos de 800.000.000 de velas varriam o céu, e a artilharia anti-aérea acertava sua pontaria no suposto inimigo, este, valendo-se de tropas para-quedistas tentava tomar de assalto um dos aeroportos da cidade, atacando também vários fortes que a guarnecem.

O elemento civil, que já está organizado para assumir várias funções auxiliares importantes de observação e socorro, num total de 40.000 pessoas, entrou imediatamente em ação, cooperando eficazmente com as tropas de defesa. De pontos adrede preparados, no tope de vários arranha-céus, observadores, auxiliados por oficiais do Exército, entraram em ligação telefônica com todos os pontos vitais à defesa de Nova York. A população acompanhou com natural interesse toda a movimentação de forças, nêsse necessário simulacro bélico na mais importante cidade do mundo.

Bombeiros, policia, e todos os corpos auxiliares voluntários revelaram perfeita precisão de movimentos durante o "assalto", que, por sinal veio encontrar a cidade preparada.

Fotografias cedidas por: Acme, Rudy Arnold, Black Star, Charles Cushing, Harrie-Ewing, International, N. Y. Daily News, P.M. Three Lions, Underwood & Underwood, Wide World.



Membros da Câmara dos Deputados da Argentina em visita aos Estados Unidos.

